HENRY KEYSTONE

Forasteiro

O BOSQUE MALDITO

cr$ 130 00

SÉRIE: FORASTEIRO

VOLUME: 15

TÍTULO: O BOSQUE MALDITO

TÍTULO ORIGINAL:

TRADUÇÃO: NEIDE ROMANA M.

AUTOR: HENRY KEYSTONE

CAPA:

EDITORA: CEDIBRA

ANO PUBLICAÇÃO: 1982

HENRY KEYSTONE

O BOSQUE MALDITO

Tradução de:
Neide Romana M.

BOLSILIVROS
Rua Leônidas, 2 – Rio de Janeiro

Título Original:
EL BOSQUE MALDITO

© Henry Keystone
Direitos exclusivos para o Brasil:
Cedibra Editora Brasileira Ltda.
Rua Leônidas, 2
20.071 – Rio de Janeiro – RJ
1° edição – MCMLXXXII

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
20.560 – Rio de Janeiro – RJ

Composto e Impresso por:
Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda.
Rua Dias da Silva, 14
20.911 – Rio de Janeiro – RJ

O texto deste livro não pode, no todo ou em parte, nem registrado nem reproduzido por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do Copyright.

CAPÍTULO 1

A última batalha da Revolução Americana ocorreu em 1782, ano em que Josiah Doncaster completava cinquenta anos de idade, e a sua colônia já contava com uma população de sessenta e sete pessoas.

Apesar da guerra devastadora dos últimos anos contra os ingleses, desenvolvida no interior, precisamente no Kentucky, Josiah Doncaster se manteve firme em sua decisão de fixar-se naquela região selvagem. Ele e seus companheiros combateram incansavelmente as forças britânicas e as tribos indígenas que lutaram ao lado dos ingleses.

Fazendo de sua colônia um verdadeiro forte militar, os colonos americanos tiveram condições de resistir, com vantagem, aos vários ataques que sofreram.

No outono de 1782, Josiah Doncaster, deixando o comando da colônia entregue a Jolyon Reigate, viajou para a Carolina do Norte e para a Virgínia, a fim de entrar em contato com várias pessoas desejosas de adquirir terras no Kentucky. A marcha para o Oeste iria prosseguir depois de vencerem os ingleses, que a tinham impedido até então.

Por ser um bom conhecedor da região ao sul do Ohio, Doncaster recebeu um convite do governo para fazer levantamentos e medições de terras para os colonos que queriam seguir para o Oeste. A maioria dos ricos comerciantes da Carolina do Norte e da Virginia desejavam

investir capital em boas terras, se alguém se encarregasse de descobri-las e marcar para eles.

Doncaster viu nisso um meio de fazer a sua fortuna mais rapidamente, ao mesmo tempo em que afastaria os intrusos das terras que queria conservar para ele e para os seus companheiros. Tinha que cuidar de legalizar as terras da colônia, fazendo os registros necessários de acordo com as exigências do novo governo.

Partiu acompanhado de seu genro Robert Dervel, que teve participação ativa na guerra contra os ingleses e chegando ao posto de major no Exército da União. Levava ainda Doranto, o índio Oto, que havia acolhido alguns anos antes em sua colônia.

Josiah Doncaster chegou a Salisbury em fins de outubro de 1782.

Fazia mais de sete anos que ele estivera pela última vez naquela cidade. A maioria de seus amigos ainda vivia lá, e também alguns de seus inimigos, como o Juiz Orson Harvin e os parentes do ex-Xerife Buck. Como ingleses, e tendo lutado até a última hora contra a independência das colônias, sendo derrotados pelos americanos, essa gente não tinha como hostilizar ostensivamente Josias Doncaster, como havia feito no passado. No entanto...

* * *

Orson Harvin, que foi a maior autoridade civil em Salisbury, nos últimos anos da soberania inglesa sobre as colônias do Leste, perdeu, como era natural, o seu cargo, logo após a efetiva independência americana.

Inicialmente, ele pensou em voltar para a Inglaterra, mas resistiu disso, tendo em vista que os americanos

respeitavam os bens dos ingleses que quisessem permanecer no país e cooperar para o seu desenvolvimento.

Harvin tinha boas propriedades na Carolina do Norte, e por isso resolveu ficar e dedicar-se mais aos seus negócios, agora que estava livre do cargo de juiz, que tomara bastante o seu tempo nos anos anteriores. Pensava também que, com a fortuna que possuía, poderia ajudar outros patrícios seus a manterem o predomínio econômico dos ingleses em Salisbury e regiões vizinhas.

No entanto, a chegada de Josiah Doncaster à cidade despertou no ex-Juiz Harvin as lembranças de acontecimentos não muito distantes no passado, e o seu ódio por Doncaster reacendeu. Talvez pudesse vingar-se daquele colono atrevido, que desafiou a sua autoridade várias vezes e conseguiu fundar uma colônia no Kentucky, desrespeitando às determinações do governo inglês. Além disso, o Juiz Harvin foi humilhado pelas pessoas que ajudaram Doncaster a alcançar seu objetivo.

Por outro lado, Orson Harvin jamais se esqueceu da deserção do ex-tenente Robert Dervel, justamente na ocasião em que as forças inglesas na América iam precisar de todos os seus homens. Oficiais treinados na Inglaterra, como o Tenente Dervel, eram muito necessários ao Exército inglês na ocasião em que ele desertou.

Nos últimos anos da guerra, Orson Harvin ouviu muitas vezes falarem que Robert Dervel estava lutando bravamente ao lado dos rebeldes americanos liderados por George Washington, tendo chegado ao posto de major, no Exército da União, por seguidos atos de bravura.

Assim que Josiah Doncaster e seus companheiros chegaram a Salisbury, Orson Harvin foi procurar Doncaster na casa de Dick Blank, irmão de Slim, onde eles estavam hospedados.

Josiah não estranhou a visita do ex-juiz inglês, já que, em tempos anteriores eles tinham sido bons amigos.

Doncaster era um homem íntegro, por isso não guardava rancores e recebeu bem o visitante.

— Você é um vencedor, Josiah — disse Orson Harvin, após os cumprimentos iniciais. — Eu soube que a sua colônia vai indo muito bem.

— Muito bem, talvez seja exagero, meu caro. Ainda não houve nem tempo para isso. Mas as perspectivas são realmente muito boas. A colônia cresceu muito nos últimos anos. Já somos quatorze famílias, já casei três de meus filhos e tenho seis netos bonitos e fortes.

— E quanto às terras?

— Ainda estou fazendo a medição das que separei para mim e meus amigos, mas já preenchi pedidos de registro de uns dez mil hectares.

— Dez mil hectares! — admirou-se Harvin.

— Não poderia ser menos, juiz — disse Doncaster. — Em breve seremos umas vinte famílias na colônia. Temos atualmente vinte e seis crianças com idades inferiores a sete anos. O nosso rebanho está aumentando muito e nossas áreas de cultivo têm que ser maiores a cada novo ano.

— Seu progresso me alegra realmente, Doncaster. Mas eu me apressei a vir procurá-lo porque, como deve saber, tenho algum dinheiro guardado e gostaria de empregá-lo em terras no Oeste. O que você acha da minha idéia?

— Não diga que pretende sair de Salisbury...?

— Be fato não tenho essa intenção. Mas tenho um sócio que iria para lá organizar um rancho para nós, desde que você estivesse disposto a ajudar. Claro que pagarei pelos seus serviços.

— Bem, juiz, eu vim a Salisbury e vou até a Virginia, a chamado de alguns amigos que. Só no vale do Licking há

terras para centenas de famílias. Você estaria interessado em quantos hectares?

— Ainda não pensei nesse detalhe, e quero ouvir a sua opinião sobre isso. Só faço questão de uma coisa, Josiah...

— O que é?

— Quero ficar seu vizinho. O meu sócio entende tanto de terras e de criação como eu mesmo. Ou seja, nada. Sendo seus vizinhos poderemos ter a sua assistência.

— Não vejo nenhum inconveniente nisso. Acho também que uns quatrocentos hectares serão suficientes para você e seu sócio. O governo está exigindo que se trabalhe e faça progredir as áreas requisitadas.

— Sei disso. Deixo a seu critério o tamanho da área que escolherá para nós.

— Estamos combinados. Você pode requisitar do Distrito de Terras uma área de 40 hectares no vale do Rio Licking, próximo à divisa leste da Colônia Doncaster, e ao norte com o Licking e a leste e sul até onde terminarem os seus hectares de terra.

— Vou cuidar disso imediatamente — falou Orson Harvin. — Quanto terei que pagar pelo seu trabalho?

— Combinaremos isso depois. Pretendo demorar por aqui uns dois meses, incluindo a viagem que farei a Richmond e a outros lugares da Virgínia. Avisarei a você quando tiver próxima à minha volta para o Licking.

— Assim está bem. Vou cuidar dos detalhes com meu sócio e organizar a viagem dele para a ocasião em que você for.

— ótimo, juiz. Espero formar uma caravana de pelo menos umas vinte famílias.

— Mas não se esqueça da promessa que me fez. Quero ser seu vizinho.

— Não esquecerei. Aliás considero isso uma honra juiz. Nós fomos bons amigos e vejo nisso a possibilidade de restabelecer a nossa amizade.

Os dois homens conversaram sobre mais alguns detalhes de seu projeto. Orson Harvin despediu-se de Doncaster e saiu. Estava satisfeito com os resultados dos primeiros passos que dava para a execução de um plano que havia arquitetado para infernizar a vida de Josiah Doncaster, e talvez até destruí-lo.

* * *

Chegando em casa, Orson Harvin encontrou um amigo que esperava por ele. Era o Coronel Archibald Michener, último comandante das tropas inglesas em Salisbury, no tempo em que Robert Dervel desertou.

Esse militar tornou-se um inimigo do tenente desertor e, obviamente, não gostava também de Josiah Doncaster, por considerá-lo culpado pela fuga do ex-tenente.

Archibald Michener estava de viagem marcada para retomar definitivamente à Inglaterra, quando Orson Harvin soube da vinda de Josiah Doncaster a Salisbury. Orson foi procurá-lo e expôs o seu plano para se vingarem.

O oficial inglês hesitou, a princípio, mas acabou concordando com o ex-juiz e se dispôs a cooperar. Michener seria o sócio de Orson Harvin no rancho de Kentucky.

Assim que o ex-juiz chegou em casa, o coronel inglês perguntou, antes mesmo de cumprimentá-lo:

— E então, esteve com o homem?

— Estive sim e consegui encontrá-lo sozinho.

— E ele?

— Ficou entusiasmado com a minha idéia e se colocou à minha disposição para ajudar em tudo.

— Concordou em nos arranjar terras ao lado das dele?

— Seremos seus vizinhos, meu caro.

— Você não falou de mim?

— Não. Não vi necessidade disso. Aliás ele nem perguntou quem seria o meu sócio.

— Não acha que ele mudará de idéia quando souber que o seu sócio sou eu?

— Doncaster? Não creio. Mas Robert Dervel me preocupa um pouco. Estive pensando que você deveria procurar o ex-tenente e ter uma conversa com ele para tirar qualquer desconfiança que ele possa alimentar contra nós. O que acha disso?

— Posso tentar. Acho que é válida a sua sugestão.

— Então faça isso. Não preciso recomendar para que seja discreto e até mesmo humilde ao conversar com Dervel. Evite tocar no passado, e se ele o fizer, você deve dizer que compreendeu perfeitamente a atitude dele, embora tenha ficado irritado no princípio.

— Não se preocupe, saberei convencê-lo de que as nossas intenções são as melhores possíveis. Queremos apenas ser rancheiros no Kentucky.

— Faça isso e o nosso plano dará certo.

* * *

Em 1776, quando conseguiu escapar de morte certa, em Detroit, fugindo do quartel inglês com o auxílio de Jolyon Reigate, Robert Dervel foi diretamente para Fort Randolph e se alistou no Exército da União.

Essa atitude, embora tivesse causado certo mal-estar e muitos aborrecimentos a Josiah Doncaster, foi justamente o

que esperava dele o seu futuro sogro. No entanto, Doncaster não pensou que sua filha Patrícia fosse sofrer tanto com a ausência prolongada do noivo.

Mas, na primavera do ano seguinte, 1777, Robert Dervel, já confirmado no seu posto de tenente do Exército da União, voltou inesperadamente à colônia do Rio Licking e surpreendeu agradavelmente a todos os seus companheiros, principalmente à sua noiva. Disse que conseguiu uma licença de trinta dias para se casar.

O casamento foi realizado imediatamente. Em julho de 1978, Patrícia Dervel deu à luz a uma menina.

A criança recebeu o nome de Rebeca, o mesmo de sua avó paterna. Em 1781 o casal teve um novo filho, dessa vez um menino, que recebeu o nome de Adam, em homenagem ao avô de Patrícia, pai de Josiah Doncaster.

Portanto, Robert Dervel já era um homem mais amadurecido e pai de dois filhos, quando o Coronel Michener, seu ex-comandante, encontrou em casa de Dick Blank.

Ao sair do quarto e reconhecer o homem que o esperava na sala, a primeira reação de Robert Dervel foi de retroceder, mas a curiosidade foi maior que o seu desejo. Sem se aproximar de Archibald Michener, ele perguntou:

— Tem certeza de que quer falar comigo, senhor?

— Vim aqui exclusivamente para isso, meu caro major. O Sr. Doncaster não está?

— Está sim. Não era a ele que queria ver?

— Era ao senhor mesmo, mas gostaria que ele estivesse presente. As coisas mudaram muito desde a última vez que nos vimos, major. Vim vê-lo em missão de paz e, confesso, para pedir a sua ajuda.

Robert Dervel estava francamente admirado com o tom de humildade em que faiava o seu orgulhoso ex-

comandante. Até o seu aspecto físico era humilde, e ele estava sobriamente vestido, para um homem de sua posição.

— Em que posso servir, senhor? — perguntou Dervel.

— Apesar da situação adversa em que me encontro, tenho vontade de permanecer aqui na América, Sr. Dervel. Não fiz fortuna no exército e não tenho recursos para viver bem na Inglaterra. Felizmente sou um homem relativamente novo e tenho boa saúde. Um amigo me fez uma proposta de sociedade em um negócio que me pareceu interessante, e eu resolvi aceitar a proposta, dependendo da conversa que pretendo ter com o senhor.

— Comigo? De que se trata, coronel?

— O Sr. Doncaster não disse nada?

— A respeito do senhor, não.

— Talvez nem ele mesmo saiba. O Sr. Orson Harvin esteve conversando com ele sobre umas terras no Kentucky...

— Disso eu sei — falou Dervel.

— Pois é. Eu sou sócio do Sr. Harvin e vou administrar pessoalmente a organização do nosso rancho. Naturalmente farei isso sob a orientação do Sr. Doncaster. O senhor se opõe?

Robert Dervel não respondeu imediatamente.

— Confesso que me deixa inquieto o fato de o senhor e o ex-juiz Harvin estarem pretendendo ser nossos vizinhos no Kentucky. Pessoalmente me oponho a isso, mas nesse caso a decisão não é minha. Aceito o que o Sr. Doncaster resolver. Se era só isso que tinha para me dizer...

— Um momento, Sr. Dervel. Já falei que as circunstâncias e mesmo as pessoas estão completamente mudadas hoje. Talvez o caso do Sr. Harvin, um homem sabidamente rico, não seja o mesmo meu. Eu preciso ficar nesta terra e ganhar alguma coisa, para a velhice.

— Não creio que o senhor fique velho no Kentucky, coronel. Já disse que a decisão final é exclusivamente do meu sogro, mas vou tentar convencê-lo de que não deve aceitar a proposta do Sr. Orson Harvin. Não me agradaria tê-los como vizinhos no Rio Licking.

— Acontece que o Sr. Doncaster já deu uma resposta favorável ao Sr. Harvin — disse o coronel.

— Ele não sabia que o senhor seria o sócio dele. Acredito mesmo que foi propositalo fato de o Sr. Harvin não ter mencionado isso quando conversou com o Sr. Doncaster. Ele queria primeiro ter a palavra dele de que concordaria. Meu sogro jamais pensaria que o sócio do Juiz Harvin seria o coronel inglês, meu ex-comandante. Creio mesmo que o senhor ainda pertence ao Exército inglês, não?

— Esse é um assunto que não lhe diz respeito, major.

— Não, se o senhor não se envolver conosco. No caso de pretender fazê-lo, estarei interessado em tudo que lhe diz respeito. Não temos mais nada a dizer, senhor.

Archibald Michener levantou e saiu.

— Escutei toda a sua conversa com ele, Bob — disse Josiah Doncaster, entrando na sala.

— O senhor não acha muito estranha essa sociedade de dois inimigos nossos, que desejam se estabelecer exatamente em nossa vizinhança, quando há um vasto mundo despovoado no Oeste onde eles poderiam se fixar.

— Apesar de ter uma boa razão para suspeitar deles, vou sustentar a palavra que dei ao Juiz Harvin. Não vejo esses deis homens como inimigos nossos na atualidade.

— O senhor já sabe o que eu penso a respeito. Sabe também que concordarei com a sua decisão, portanto este é um assunto sobre o qual não precisamos discutir.

— Certamente. Mas eu quero acrescentar alguma coisa. Suponho que você esteja certa e que eles continuem nossos

inimigos, e que eles estejam tramando alguma coisa contra nós, prefiro tê-lo por perto para poder vigiar melhor.

— Francamente, Sr. Doncaster, não vejo nenhuma razão para levarmos tais pessoas para o Licking. Estou certo de que encontraremos muita gente boa querendo ir para lá.

— Sei disso, Bob, mas eles iriam de qualquer maneira e poderiam, se for essa a intenção deles, tornar-se inimigos muito mais perigosos para nós. O nosso governo está distribuindo terras a ingleses, americanos, franceses, sem fazer qualquer discriminação...

— O que é um erro — disse Dervel.

— Não sei. Só o futuro poderá responder a isso. Mas vamos mudar de assunto, temos coisas mais imediatas para tratar. Você esteve com os Donovan?

— Estive. Eles estão dispostos a ir conosco, se conseguirmos comprá-los de seus senhores.

— Quantos são?

— O casal, relativamente novo e sadio, mais três mocinhas e um menino de cinco para seis anos. Exatamente o que Jolyon Reigate nos disse.

— Vamos sair agora para resolver esse caso — disse Doncaster.

Robert Dervel chamou Doranto e os três saíram para a rua. Dick Blank foi com eles.

— 16 —

CAPÍTULO 2

A falta de mais uma ou duas famílias negras na colônia do Rio Licking sempre foi um motivo que preocupou Jolyon Reigate. Ele tinha quatro filhos solteiros, todos já rapazes, sem que tivesse na colônia moças de sua raça, com as quais pudessem até casar quando fosse o tempo para isso. Felizmente sua filha Rosalyn, a única mulher entre seus filhos, casou-se com Alce Veloz em 1776 e já tinha lhe dado três netos.

O primeiro deles, batizado como Frank Doncaster, nasceu em 1777, a segunda, uma menina, chamava-se Annabel e havia nascido em 1779, e o terceiro em 1871, recebendo o nome de Jimmy Doncaster. O Doncaster dos netos de Jolyon Reigate vinha do Dai deles, Alce Veloz, que tinha sido batizado como Jakobus Doncaster, no dia de seu casamento com Rosalyn Reigate.

Em 1778, Edward Reigate, o filho mais velho de Jolyon, então com 23 anos, viajou sozinho para Salisbury, deixando seus pais muito preocupados. Este rapaz voltou para a colônia quatro meses depois, trazendo sua jovem esposa, Mary Reigate, ex-Donovan, filha de uma família de escravos, que ele disse ter comprado em Salisbury. O jovem casal agora já tinha dois filhos, Barbara e Arthur Reigate, nascidos em 1779 e 1781, respectivamente.

Em 1780, orientado pelo irmão, foi a vez de Charles Reigate viajar para Salisbury e voltar, três meses depois,

com sua bela esposa, Diana Reigate, ex-Donovan, de apenas dezesseis anos de idade. O casal já tinha um filho, nascido em 1781, que recebeu o nome de Peter, em homenagem a seu tio Peter Reigate, morto em 1772 no desfiladeiro de Cumberland, pelos cheroquis.

Jolyon e Rachel Reigate ainda tinham dois filhos que não demorariam a estar 3m idade de se casar. As moças Donovan haviam se revelado boas esposas para seus filhos. Por isso ele pediu a Josiah Doncaster que levasse toda a família para a colônia. Certamente haveria mais casamentos entre os Reigate e os Donovan nos anos seguintes.

Josiah Doncaster não havia esquecido o pedido do velho companheiro de lutas e estava fazendo os preparativos para levar os Donovan para o Rio Licking.

* * *

Depois de ouvir o Coronel Archibald Michener que a sua tentativa de aproximação de Robert Dervel fora malsucedida, Orson Harvin disse:

— Não se preocupe com isso. Seria melhor se você tivesse conseguido, claro, mas eu confio em Josiah Doncaster. Ele manterá a palavra que empenhou comigo.

— Espero que ele faça isso. Mas, de qualquer maneira a nossa posição diante deles será a de suspeitos. Temos que agir com muito cuidado. Talvez não fosse conveniente levarmos, agora no início todos os homens como havíamos planejado. Isso aumentará certamente as suspeitas de Dervel.

— Creio que você tem razão. Mas os nossos homens poderão ir depois que você já estiver estabelecido lá. A chegada deles poderá até passar despercebida, o que será muito bom para nós. Você levará apenas um número

pequeno de trabalhadores para os serviços da construção da casa do rancho e dos alojamentos para os outros que irão depois.

— E as armas, munições, cavalos e tudo mais necessário para se fazer uma pequena guerra local?

— Eu cuidarei disso na ocasião certa.

— Você falou também numas famílias de escravos. Essas convinham que fossem comigo.

— Ainda não sei. Josiah Doncaster é totalmente contra a escravatura e eu preciso conversar com ele sobre isso.

— Nesse ponto você não pode ceder, Harvin. Como assalariados só poderemos ter os pistoleiros. Todos os trabalhadores deverão ser escravos.

— Até nos instalarmos no Kentucky, farei tudo de acordo com a vontade de Doncaster. Depois iremos modificando as coisas ao nosso modo. É preciso ter paciência, coronel.

Os dois homens ainda discutiram por algum tempo sua estratégia de ação no futuro próximo, de maneira que pudessem alcançar os seus condenáveis objetivos. Quando se chegaram a um acordo o Coronel Michener se retirou.

* * *

Os Donovan pertenciam a uma família de pequenos rancheiros nos arredores da cidade, os Russel. Chegando em casa deles, Doncaster, Dervel e Doranto tiveram uma grande surpresa. As duas moças, Mary e Diana, que estavam na colônia, casadas com os filhos de Jolyon Reigate, tinham sido roubadas de seus donos pelos dois rapazes.

— Aqueles dois são mais espertos do que eu julgava, até saber disso — comentou Doncaster. — O senhor não

mandou ninguém para persegui-los? — perguntou ele a Harold Russel, o chefe da família.

— Não — respondeu o homem e explicou: — Tratava-se de escravas de pouco valor para mim. A captura delas ficaria muito cara e eu iá sabia que não valeriam de mais nada quando fossem encontradas. Negras enrabichadas, se fogem, é melhor esquecê-las de uma vez, não acha?

— Não sei, Sr. Russel. Nunca tive escravos. Mas o motivo que nos traz à sua casa é justamente a compra desses Donovan. Toda a família.

— Esses escravos não estão à venda, Sr. Doncaster. Embora não sejam excelentes trabalhadores, já estão comigo há mais de vinte anos e conhecem muito bem o trabalho que fazem. Sabem como se cuida de um pomar. Não posso dispensá-los.

Josiah Doncaster então contou a ele sobre a sua colônia no Kentucky e revelou que as duas moças que tinham sido roubadas estavam lá.

— Meu genro já conversou com o pai delas, Sr. Russel, e ele está disposto a ir conosco para o Kentucky, com o resto da família, se o senhor entrar em acordo conosco.

— Não haverá acordo, Sr. Doncaster. Minha palavra é uma só: não vendo esses escravos porque preciso deles.

— Não seja teimoso, homem! — insistiu Doncaster. — Eu pagarei bem por esses negros. O meu interesse por eles é apenas sentimental. Quero reunir a família e satisfazer a um amigo que me pediu para levá-los.

— Está perdendo o seu tempo, Sr. Doncaster. Eu também estou muito ocupado e...

— Não precisa nos mandar embora de sua casa, Sr. Russel — cortou Josiah. — Já vamos sair.

Chamou seus companheiros e deixou a casa do rancheiro.

Uma semana depois os Donovan, acompanhados Dor Doranto, subiam os Apalaches a caminho de Kentucky. Josiah Doncaster os havia roubado e mandou que Doranto os levasse para a colônia do Rio Licking.

Não se tratou propriamente de um roubo. Doncaster ajudou os negros a fugirem fornecendo cavalos, armas e recursos para a longa viagem. Acompanhou o grupo nos primeiros cem quilômetros da jornada, até Wilkesboro, onde tinha que encontrar com alguns amigos que queriam ir com ele para o Kentucky.

Em vez de contratar um caçador de escravos para persegui-los, Harold Russel, certo de que Josiah Doncaster era o responsável pela fuga de seus escravos, deu queixa contra ele no xerifado de Salisbury. Mas, de Wilkesboro, Doncaster seguiu para a Virginia e o xerife recebeu uma mensagem que dizia: “Doncaster seguiu para o Kentucky”. A informação foi dada por Robert Dervel, que havia ficado em Salisbury.

Naquele tempo, dizer que alguém foi para o Kentucky era o mesmo que dizer que essa pessoa estava fora do alcance da lei. Transpostos os Apalaches, o homem se tornava senhor absoluto de suas ações e só respondia por elas diante de sua própria consciência.

Embora Josiah Doncaster não tivesse realmente ido para o Kentucky, aquela informação falsa dada por Robert Dervel, permitia que ele tivesse tranquilidade suficiente para fazer, os seus contatos com os amigos que esperavam por ele na Virgínia.

No entanto, se Harold Russel tinha concordado anteriormente em perder as duas moças Donovan, que os filhos de Jolyon Reigate haviam roubado dele, não aceitaria impassível a perda de toda a família, principalmente por

causa do casal Henry e Sarah Donovan, que eram os responsáveis por todo o trabalho braçal de seu sítio.

Contratou os serviços de um conhecido caçador de escravos, de nome Ben Burke, que conhecia a trilha para o Kentucky até Martin's Station, e seguiu com ele atrás dos fugitivos, três dias depois que haviam fugido.

Esse Ben Burke era conhecido pela sua extrema maldade com os escravos que conseguia recapturar. Muitos fazendeiros da região não contratavam os serviços dele, apesar da sua eficiência, porque os negros recapturados por ele geralmente ficavam alguns meses imprestáveis para qualquer serviço. Foi para evitar que isso acontecesse aos seus escravos que Harold Russel o acompanhou na perseguição.

Dick Blank soube que o sitiante saiu com Ben Burke em perseguição aos fugitivos e comunicou o fato a Dervel, comentando em seguida:

— Tenho pena daqueles negros. Ben Burke é um verdadeiro carrasco.

— Acha que eles os alcançarão?

— Sou capaz de apostar nisso. Ben Burke tem dois cachorros muito velozes e que não perdem o rasto de um fugitivo.

— Neste caso, Dick, os cachorros nem são necessários. Todo mundo sabe para onde os Donovan foram e a trilha é uma só. O problema será alcançá-los.

— Os cachorros farão isso, rapaz! Pode acreditar em mim. Eles acharão os fugitivos e os deterão até que Ben Burke chegue. São treinados para isso.

— Doranto e Henry Donovan estão armados e não terão a mínima hesitação em matar esses cachorros. Doranto é um índio valente e fará tudo para cumprir a missão que o Sr. Doncaster confiou a ele.

— Pois eu sugiro que nós dois devemos ir em socorro deles. Josiah Doncaster vai ficar muito aborrecido se esses negros forem recapturados.

— Isso não vai acontecer, Dick. Agradeço seu interesse, mas eu tenho muitas visitas para fazer nesta região, por determinação do Sr. Doncaster. Doranto é capaz de dar conta da tarefa que foi confiada a ele e levará os Donovan para o Licking.

— Eu gostaria de ter a sua confiança — disse Dick Blank e saiu da cocheira onde Robert Dervel continuou encilhando o seu cavalo.

* * *

Os seis cavaleiros seguiam em fila indiana pela Estrada Selvagem, já no território do Kentucky. A frente ia Henry Donovan seguido por sua mulher Sarah, que levava na garupa de seu cavalo o filho caçula, Alexandre. Atrás deles seguiam as três mocinhas, cada uma em seu cavalo. Fechando a coluna, mas um pouco distante dos outros, ia Doranto, o responsável pelo sucesso daquela fuga.

Até ali eles tinham feito uma viagem normal, evitando os lugares povoados, fazendo pequenas voltas e acampando sempre fora da trilha. Haviam passado por fora de Wilkesboro e de Martin's Stantion, de maneira que nesses lugares ninguém saberia dar notícias deles.

De vez em quando Doranto parava o seu cavalo, pulava da sela e escutava com o ouvido colado ao solo, até certificar-se de que não se aproximava ninguém em sua retaguarda. No entanto, por mais treinados e sensíveis que fossem os seus ouvidos, dificilmente ele poderia captar as passadas elásticas, mal tocando o solo, das duas treinadas feras que se aproximavam deles naquela manhã.

Os cachorros de Ben Burke só latiam quando suas vítimas já estavam à vista, daí que elas eram sempre surpreendidas por eles quando já não havia tempo de fugir.

Sabedores que eram da longa jornada que ainda tinham pela frente, os fugitivos, que tinham forçado muito seus cavalos nos primeiros dias de marchas, começavam a poupá-los viajando mais devagar depois que entraram em terras do Kentucky. Já se consideravam livres de qualquer perseguição.

Num tom de voz seguro e alegre, revelando a satisfação em sua fisionomia, Henry Donovan dizia para a sua mulher:

— É maravilhosa essa sensação de ser livre, Sarah.

— Também acho, mas enquanto não chegarmos à colônia eu estarei com medo.

— Pois eu não. Desde que ultrapassamos os Apalaches perdi todo o receio que sentia. O Sr. Russell parece ter desistido de nós.

— Eu penso justamente o contrário — disse a mulher. — Alguma coisa dentro de mim diz que estamos sendo perseguidos. Acho que o índio pensa exatamente como eu.

— Por que você diz isso?

— Ele já desceu do cavalo para escutar o chão umas quatro vezes esta manhã. Mais do que fez ontem o dia inteiro.

— Não notei isso — disse Henry Donovan.

— Mas eu estou constantemente olhando para trás, meu caro. Aquele moço não está nada tranquilo hoje.

Henry Donovan afastou seu cavalo para um lado da trilha e disse à sua mulher:

— Passe, eu vou esperar por ele.

Quando Doranto se aproximou, Donovan perguntou:

— Está desconfiado de alguma coisa?

— Nenhuma certeza ainda, mas sinto qualquer coisa no ar. Acho bom deixarmos a trilha e...

Doranto parou de falar. Os latidos dos dois cachorros quebraram a quietude da manhã a menos de cem metros deles. Tinham sido descobertos! Doranto tirou o rifle do arção da sela e mandou que Henry Donovan fizesse o mesmo.

Os cachorros chegaram rosnando onde eles estavam.

CAPÍTULO 3

Sabendo o que havia acontecido com os escravos de Harold Russel, seu amigo, o ex-juiz Harvin, procurou Nelson Buck, irmão do ex-xerife Henry Buck, que foi morto por Donald McKay, em 1775, e disse a ele:

— Temos que ajudar Harold Russel a reaver os seus escravos. Preciso de sua ajuda para isso.

— Eu soube que ele foi com Ben Burke na perseguição. Vão pegá-los na certa.

— É possível que sim. Mas o que eu tenho em mente é outra coisa.

— O que é, Sr. Harvin?

— Você sabe que foi Josiah Doncaster que proporcionou a fuga aos escravos de Russel e os mandou para a sua colônia no Kentucky?

— Ouvi dizer isso.

— Pois é. Russel deu parte contra Doncaster ao xerife, mas o genro dele mentiu, informando que ele tinha voltado para a colônia.

— Mentiu? Então aquele assassino está aqui em Salisbury?

— Não. Josiah Doncaster foi para a Virgínia. Quero que você procure o xerife e dê a ele essa informação.

— Por que o senhor mesmo não faz isso?

Orson Harvin contou a Nelson Buck o entrosamento de negócios que havia começado com Doncaster, e falou de

seu plano, sem entrar em detalhes, mas explicando o suficiente para interessar o irmão do xerife morto por Josiah.

— Como vê, não posso aparecer nessa denúncia. Mas complicar Josiah Doncaster com as autoridades daqui e da Virginia, mesmo que não dê resultados imediatos, é uma oportunidade que poderá render bons frutos no futuro.

Nelson Buck pensou por um momento e depois disse:

— Acho que o senhor tem razão. Vou agora mesmo ao xerifado.

— Faça isso, Nelson. Você deve esse favor ao seu irmão barbaramente assassinado por esses miseráveis.

* * *

Robert Dervel montou em seu cavalo para ir visitar alguns colonos nos arredores da cidade, cujos nomes Josiah Doncaster havia deixado com ele.

Também montado em seu cavalo, Dick Blank ó seguia a certa distância. Desde a conversa de Dervel com o Coronel Michener, Josiah Doncaster começou a suspeitar de que a vida de seu genro corria perigo. Por isso, antes de viajar para a Virgínia, pediu a Dick Blank que fizesse uma companhia disfarçada a Dervel onde quer que ele fosse.

Quando ia passando em frente ao xerifado, o rapaz foi chamado pelo xerife:

— Preciso falar com você, major. Quer fazer o favor de entrar? — disse ele, em pé na porta do prédio.

Assim que Robert Dervel apeou do cavalo, o xerife entrou. Dervel entrou em seguida e viu um desconhecido sentado em uma cadeira ao lado da mesa do xerife. Aproximou-se e disse:

— Estou às suas ordens, xerife.

— Obrigado, maior. Chamei-o até aqui para resolvermos um assunto bastante desagradável.

— De que se trata?

— O senhor me informou que Josiah Doncaster tinha ido para o Kentucky. Acabo de receber uma informação diferente.

Robert Dervel olhou para o desconhecido e disse:

— Pelo que sei, o meu sogro foi para o Kentucky, xerife.

— O Sr. Buck, aqui presente, garante que ele foi para a Virginia — declarou o xerife. — Como a denúncia contra o Sr. Doncaster é muito grave, se ele estiver mesmo na Virginia, tenho meios de mandar buscá-lo para que responda à acusação que pesa sobre ele.

— Faça como quiser, xerife — disse Dervel.

— Então concorda em que me deu uma indicação errada, Maior Dervel?

— Absolutamente. Eu...

— O senhor mentiu propositadamente para uma autoridade — disse Nelson Buck, levantando-se da cadeira — com o intuito de proteger um transgressor da lei.

— Quem é o senhor? — perguntou Dervel, voltando-se para o desconhecido.

— Não tenho nenhum interesse em dizer o meu nome a um mentiroso — respondeu Buck com arrogância.

— Mas o senhor está me insultando! Retire o que disse imediatamente ou eu...

O xerife permanecia passivo, diante da situação explosiva que ia se formando. Robert Dervel percebeu isso e julgou que poderia estar sendo vítima de uma cilada. Josiah Doncaster havia prevenido para ele ter cuidado enquanto se demorasse em Salisbury.

— Chamou-me aqui para ser insultado por esse desconhecido, xerife? — perguntou ele.

— Não gosto de ser enganado, Major Dervel. Foi exatamente isso que o senhor fez. Acho que merece o tratamento que está recebendo do Sr. Buck — respondeu o xerife e acrescentou: — O senhor é um grande mentiroso...

O soco de Robert Dervel atingiu em cheio o queixo do xerife, derrubando-o sem sentidos. No momento exato Dick Blank entrou no xerifado...

* * *

O tiro desfechado por Doranto rebentou a cabeça de um dos cachorros de Ben Burke.

— Mate o outro, homem! — gritou ele para Henry Donovan.

Mas o pobre negro estava tremendo de medo. Ele conhecia aqueles cachorros e sabia muito bem a quem pertenciam. Doranto tomou o rifle das mãos dele e fuzilou o outro cachorro.

— Vamos recarregar estas armas depressa! — falou ele, mas logo percebeu que o seu companheiro seria incapaz de ajudá-lo.

Foi então que o índio escutou o tropel dos cavalos de seus perseguidores. Estavam chegando e ele não teria tempo de recarregar os rifles. Meteu rapidamente um deles no arção da sela e, segurando o outro na mão, fez o seu cavalo disparar pela trilha deixando para trás toda a família Donovan.

Ben Burke e Harold Russel rodearam facilmente as suas presas, mas Doranto já estava longe deles. A ira de Ben Burke ao ver seus cachorros mortos era indescritível.

— Quem matou meus cachorros? — sua raiva se manifestava ferozmente em seguidas chicotadas nos negros, sem que o dono deles conseguisse detê-lo.

— Foi o índio que estava com a gente — Sarah Donovan conseguiu falar.

— E onde está esse miserável? — perguntou Burke, aos berros e sem parar o seu chicote.

— Fugiu pela trilha — informou uma das mocinhas.

— Vamos amarrar esses negros — disse Ben Burke a Russel. — Depois iremos atrás do índio. Ele não deve estar longe.

— Prefiro pagar pelos seus cachorros, Burke — propôs o rancheiro. — Já conseguimos o que queríamos e vamos voltar daqui, levando meus escravos. Esta região é muito sujeita a ataques de índios... E pare de bater nos meus negros, homem! — gritou ele, impaciente com o caçador de escravos.

— Você não tem dinheiro suficiente para pagar por meus cachorros — respondeu Burke.

— E se pegarmos o índio, eles reviverão? — perguntou Russel. — Sossegue, homem! Há muitos cachorros em Salisbury e você pode treinar outros. Vamos voltar daqui mesmo. Monte no cavalo e siga na frente, Henry — ele ordenou ao negro, e foi imediatamente obedecido.

Os pobres escravos foram acordados muito cedo do seu sonho de liberdade. Rostos baixos, corpos doloridos, almas desoladas, eles formaram segundo de volta para Salisbury. Ben Burke ainda os chicoteava...

A menos de um quilômetro deles, Doranto carregava calmamente os dois rifles, colocando uma carga dupla em cada um deles. Terminado o seu trabalho, ele meteu um dos rifles no arção da sela e com o outro na mão montou em seu cavalo e partiu.

* * *

Quando Dick Blank entrou no xerifado no momento em que seu amigo Dervel socava o xerife, viu que Nelson Buck sacava de uma faca e erguia o braço para atacar o rapaz, que estava de costas para ele.

— Cuidado, major! —gritou ele.

Dervel pulou para um lado e a faca de Buck cortou o espaço vazio onde ele estava. Mas ao pular, Dervel esbarrou em uma cadeira e perdeu o equilíbrio. Nelson Buck ia se jogar sobre ele quando Dick Blank o derrubou com um certeiro tiro na cabeça.

— Obrigado, amigo — disse Dervel, erguendo-se, pálido.

— Vamos sair daqui antes que nos prendam — chamou Blank.

Robert Dervel garantiu a retirada deles, apontando sua pistola para os dois guardas que tentavam detê-los. Conseguiram chegar aos cavalos e fugiram, quando já havia uma pequena aglomeração na porta do xerifado.

— Vamos sair da cidade — propôs Dervel, assim que se distanciaram do local.

— Você vai fazer isso — respondeu Dick Blank — mas eu tenho que ficar aqui. Conheço bem aquele xerife e não posso deixar minha mulher e meus filhos para que ele descarregue a sua ira sobre eles.

— Sendo assim ficarei com você — disse Dervel.

— Ficará para que, major? Vou me entregar e você terá que ficar em liberdade para poder me ajudar. Vá ao encontro do Sr. Doncaster e diga a ele o seguinte: quero que vocês levem a minha família para o Kentucky e a deixem

em segurança com meu irmão. Mais tarde, se houver tempo e condições para isso, vocês voltarão e me tirarão da cadeia.

— Devo a vida a você, amigo. Dou minha palavra de que faremos exatamente como você determinou.

— Não diga mais nada, rapaz. Force o seu cavalo enquanto ele aguentar. Eles já estão vindo atrás de nós.

Robert Dervel desapareceu numa nuvem de poeira.

* * *

Doranto deteve o seu cavalo de repente. Ben Burke, Harold Russel e os Donovan iam a menos de cem metros dele, em um trecho em que a trilha era cheia de curvas. Por isso eles não notaram a aproximação dele.

Por outro lado, nenhum dos dois sequer desconfiava de que o índio pudesse voltar para tomar os escravos das mãos deles.

Doranto percebeu que eles viajavam a passo, naturalmente poupando os seus animais. Deixando seu cavalo preso a uma árvore, levou com ele os dois rifles e seguiu atrás do grupo em passo rápido e silencioso por dentro do mato.

Em menos de meia-hora Doranto percebeu que havia passado a frente deles. Continuou caminhando até encontrar um local que pareceu conveniente e seguro para o que pretendia fazer. Ele jamais deixaria de cumprir a missão confiada por Josiah Doncaster. Se fosse preciso morreria tentando cumprir a sua parte. Mas havia ficado decepcionado com a covardia de Henry Donovan, incapaz de compreender as reações negativas do negro.

Como aqueles negros eram diferentes dos Reigate! Admirava-se Doranto. Jolyon Reigate e seus filhos eram tão

valentes como qualquer índio, pensava ele enquanto aguardava a aproximação do grupo.

Esperou menos de dez minutos e viu a figura de Henry Donovan aparecer na trilha, logo seguido da mulher e dos filhos. Harold Russel, que ele não conhecia, ia logo atrás da última mocinha negra. A atenção de Doranto se fixou em Ben Burke que viajava atrás de todos, um pouco separado deles. O índio não gostou da cara dele.

Engatilhou o rifle, mirou a cabeça do caçador e apertou o gatilho. O tiro explodiu na tarde quieta e fria do último mês de outono. Ben Burke caiu como um tronco. Quando Russel chegou perto dele viu que já era cadáver.

Doranto pegou o outro rifle, apontou e derrubou Harold Russel em cima do cadáver de Ben Burke. Os negros haviam perdido a fala e tremiam. A saída de Doranto do mato os assustou.

— Sou eu, Sr. Donovan — disse ele, com simplicidade. — Ajude a arrastar esses dois para o mato e vamos continuar nossa viagem para a colônia. Agora temos mais dois cavalos.

Sarah Donovan e suas filhas começaram a rir. O sonho da liberdade recomeçava para elas.

* * *

Quando Robert Dervel conseguiu encontrar Josiah Doncaster, em uma fazenda de algodão perto de Richmond, na Virginia, já haviam passado dez dias dos acontecimentos que obrigaram a sua fuga de Salisbury.

Inteirado de tudo que aconteceu, Doncaster disse:

— Tudo isso altera profundamente o plano de nossa viagem, meu caro. Não podemos ir para Richmond e nem voltar para Salisbury. Assim, no primeiro momento, só vejo

um lugar seguro para ficarmos enquanto resolvemos o que vamos fazer.

— O senhor está falando de Wilkesboro?

— Isso mesmo. Tenho amigos de confiança lá e vamos viajar ainda hoje. Certamente o xerife de Richmond já recebeu o pedido de captura contra nós dois.

— Creio que não, mas o senhor decide os nossos próximos passos. A minha maior preocupação no momento é tirar a família de Dick Blank de Salisbury.

— Temos muitas preocupações, Dervel. Eu conheço Ben Burke. Se ele foi, como você disse, em perseguição dos Donovan, é certo que os pegou e a Doranto também.

— Pegar Doranto seria muito difícil, Sr. Doncaster. De qualquer maneira saberemos disso em Wilkesboro.

— É. Lá saberemos. Vamos nos despedir do pessoal e partiremos imediatamente.

Cinco dias depois os dois chegavam a Wilkesboro, depois de ter escurecido. O Natal estava próximo.

— Vamos nos hospedar na casa do Pastor Gaskill — disse Doncaster, ao entrarem na cidade.

Christopher Gaskill, pastor presbiteriano de Salisbury, grande amigo de Josiah Doncaster, tinha sido transferido para Wilkesboro há uns quatro anos.

Alguns dias antes, quando esteve na cidade acompanhando Doranto e os Donovan, Doncaster ficou hospedado com o pastor e contou a ele sobre a fuga dos negros. Gaskill achou tudo aquilo muito perigoso, mas apoiou a ação dele, como anti-escravocrata que era. Bem recebidos pelo ministro de Deus, Josiah Doncaster, muito interessado em saber as últimas notícias, não demorou a conversar com ele o que sabia.

— De Salisbury, a notícia mais recente que tenho é que Rick Blank está preso. — disse o pastor. — A família dele

não deve ter sido incomodada em coisa alguma, porque eu não soube nada a respeito. Sei também que o xerife de lá mandou uma denúncia e intimação contra você e seu genro, para Richmond.

— E o que o senhor sabe sobre Doranto e os Donovan?

— Apenas o que você já sabe. Harold Russel e Ben Burke passaram por aqui para capturá-los. Já há muita gente incomodada com a demora deles.

— Então ainda não voltaram?

— Não. Eu soube que o xerife de Salisbury está decidido a organizar um grupo de voluntários para ir atrás deles.

Robert Dervel olhou para seu sogro e disse:

— Dificilmente Doranto deixaria de cumprir a missão que o senhor confiou a ele.

— Mas, também por esse lado, as coisas estão se complicando muito mais do que eu desejaria. Estamos num beco sem saída, meu caro — falou Doncaster. — Não podemos aparecer em Salisbury, já viemos fugindo de Richmond e só nos resta aberto o caminho de casa..., mas não podemos seguir por ele agora.

— Nem ficar parados aqui — disse Dervel.

— Não, não ficaremos parados aqui. Eu vou a Salisbury tentar retirar a família de Dick Blank. Afinal a queixa que têm contra mim não é assim tão grave.

— Não seria — falou o pastor — se Harold Russel e Ben Burke tivessem voltado com os escravos.

— O que eu fico fazendo enquanto o senhor vai a Salisbury? — perguntou Dervel.

— Você vai voltar amanhã bem cedo para o Licking.

— Não farei isso, Sr. Doncaster — disse Dervel. — Desculpe, mas desta vez não seguirei a sua determinação.

Aquele homem tomou-se um assassino para salvar a minha vida e...

— O nosso problema imediato não é Dick Blank — interrompeu Doncaster. — Primeiro a família dele deve estar em segurança na colônia, depois cuidaremos de tirá-lo da cadeia.

— Se não o julgarem precipitadamente — disse Dervel. — Não é nada difícil que aquele xerife consiga uma sentença de morte contra Dick.

— Não estou tão pessimista como você, meu caro. Nós também temos amigos em Salisbury. Mas estive pensando em outra coisa, que poderá ser do seu agrado.

— Qual?

— Eu vou a Salisbury buscar a família de Dick Blank. Você me aguarda aqui e a levará para a colônia. Eu volto para Salisbury para cuidar da libertação de nosso amigo.

— Não é bem isto que estou querendo, Sr. Doncaster. Deixo a minha decisão para quando o senhor chegar de Salisbury e puder me dar melhores informações sobre a situação de Dick. Estou preocupado com ele.

— Se você está pretendendo criar mais problemas, Dervel, quero avisá-lo que os que temos já me parecem demais.

O rapaz ficou calado diante da ríspida advertência do sogro. O reverendo Gaskill avisou que o jantar estava servido. Depois que jantaram Josiah Doncaster avisou que ia sair para visitar alguns amigos. Não convidou Robert Dervel para acompanhá-lo.

No dia seguinte, dirigindo um carroção de tamanho médio, puxado por quatro cavalos, ele seguiu para Salisbury, tendo antes recomendado ao seu genro que não se expusesse muito à curiosidade do público local.

Escondidos no carroção, sem que o rapaz soubesse, iam quatro amigos de Doncaster.

Uma hora depois que eles haviam partido, Dervel selou o seu cavalo e saiu também, dizendo ao seu hospedeiro que iria dar uma volta pelos arredores da cidade.

CAPÍTULO 4

Era a noite de antevéspera do Natal. Annie Blank, esposa de Dick Blank, e seus dois filhos, Gerald e Rita, já haviam deitado. As crianças dormiram logo, mas a mulher não tinha sono, pensando no marido preso. Em seis anos de casados aquele seria o primeiro Natal que eles passariam separados. O motivo dessa separação era muito grave e Annie Blank sentia tremores percorrerem todo o seu corpo ao lembrar que Dick seria julgado antes que o ano terminasse.

Ela estava pessimista quanto ao resultado do julgamento. Eram raras as pessoas que admitiam alguma coisa menos do que a condenação à morte para Dick Blank.

— O que o senhor está esperando, xerife? — perguntou ela. — A demora de meu marido é muito estranha.

— Tenha calma, Sra. Russel. Depois do Natal mandarei cinco homens à procura dele e de Ben Burke.

— Não senhor! — protestou a mulher. — Quero que mande amanhã sem falta! Já deveriam ter ido há quatro ou cinco dias. O que o senhor está esperando?

— Amanhã é véspera de Natal, Sra. Russel. Ninguém quer sair de casa nesse dia. Tenha um pouco mais de paciência.

— Não aguento esperar mais, xerife. Sabendo que já foi alguém para procurar Harold ficarei mais tranquila. Estou disposta a pagar quinhentos dólares, Sr. Donnegan.

— Quinhentos dólares! Isso é uma pequena fortuna, Sra. Russel.

— Se o senhor for, eu fico mais confiante ainda. Pode passar em minha casa e apanhar essa importância.

— Independentemente dos resultados que obtivermos?

— For que o senhor pergunta isso?

— Bem, a demora de seu marido e de Ben Burke nos dá o direito de pensai em muitas coisas. Eles foram para uma região selvagem, infestada de índios hostis e...

— Já chega, Sr. Donnegan! Promete que vão sair amanhã cedo?

— Vou conversar com os homens. Se concordarem em ir, passarei pela sua casa antes de sairmos.

— Espero que concordem.

— Eu também. Quanto a esse negócio dos quinhentos dólares pode ficar apenas entre nós dois, Sra. Russel...

— Até amanhã, Sr. Donnegan. Minha proposta foi feita ao senhor e não tenho nenhum interesse em comentá-la por aí.

— Obrigado, Sra. Russel. Até amanhã.

A mulher se despediu, mas não saiu imediatamente.

— Mais alguma coisa, Sra. Russel — perguntou o xerife.

— Bem, Sr. Donnegan, é que eu tenho um irmão que mora em Martin's Station. Estive pensando que talvez ele pudesse dar alguma informação e até mesmo uma ajuda aos senhores. Harold deve ter estado na casa dele.

— Certamente que esteve, Sra. Russel. Claro que o seu irmão poderá ser muito útil.

— Não estou muito certa disso, xerife. Eu e meu irmão somos inimigos há muitos anos. Coisas de família que eu não preciso explicar.

— Claro que não, Sra. Russel. Mas o seu marido também é inimigo de seu irmão?

— Não. Os dois sempre se deram bem.

— Então é possível que o Sr. Harold tenha procurado por ele quando passou por lá.

— Procurou sim. Harold disse que ia aproveitar a oportunidade para fazer uma visita a ele.

— Qual é o nome de seu irmão, Sra. Russel?

— Steve Carnahan. Ele é o encarregar do armazém de Martin's Station e conhece muito índios que vivem naquela região.

— Pois isso muda muito as coisas, Sra. Russel. Por intermédio do seu irmão poderemos obter até um guia índio para nos acompanhar a partir de Martin's Station.

— Se pensa assim, acho que deve procurá-lo, xerife.

— É exatamente o que vou fazer, senhora.

— Então até amanhã — despediu-se e saiu.

No dia seguinte, bem cedo, o xerife apareceu na casa da Sra. Russel para pegar os quinhentos dólares, assegurando que ele e os seus auxiliares estavam de partida. De fato, ele e quatro companheiros deixaram a cidade pela Estrada dos Pioneiros a caminho do Oeste. Pelos cálculos do xerife chegariam a Wilkesboro no dia seguinte.

À frente deles, com umas sete horas de vantagem, seguia o carroção levando a família de Dick Blank. Desobedecendo ao pedido de Josiah Doncaster e até discutindo com ele a todo momento, Annie Blank levou uma carga pesada para o carroção, o que ia obrigar a uma marcha mais lenta do veículo. Quatro homens bem armados e da inteira confiança de Doncaster eram os responsáveis pela condução e segurança da família de Dick Blank.

A notícia da partida do xerife com uma pequena patrulha, para tentar encontrar Harold Russel e Ben Burke,

espalhou-se logo cedo pela cidade. Josiah Doncaster, ao tomar conhecimento do fato, teve duas reações opostas. A primeira foi de satisfação pela viagem do xerife. Isso facilitava a sua movimentação na cidade. A segunda foi o temor de que Donnegan e seus homens alcançassem o carroção que levava os Blank.

Doncaster falou sobre isso ao seu amigo, o comerciante David Jansen, que tinha dado a ele a notícia da viagem do xerife naquela manhã.

— Ele não tem nenhum direito de impedir a viagem da família Blank — comentou David Jansen.

— Se as pessoas só fizessem aquilo que têm direito, meu caro, as coisas seriam bem diferentes.

— Você tem razão, mas vamos aguardar os acontecimentos sem muito pessimismo. Situação pior temos aqui. Estive conversando com o Juiz Graham sobre o caso de Dick.

— Eu vim justamente para falarmos sobre isso. Quais são as novidades?

— O julgamento está marcado para o dia 28, quinta-feira da semana que vem.

— Qual a idéia do juiz sobre o resultado do julgamento?

— Isso eu não sei. Acho que ele não diria nada a ninguém a esse respeito. Mas a voz geral é de que ele será enforcado. Infelizmente eu também penso assim.

— Então não podemos deixar que ele vá a julgamento. Vim de Wilkesboro prevendo essa possibilidade.

— Eu ia justamente dizer isso. Precisamos tirá-lo da cadeia imediatamente.

— Já pensou em algum plano? — perguntou Doncaster.

— Não há necessidade de plano nenhum, homem! Temos que reunir os companheiros e tirar Dick da cadeia.

Quanto a levá-lo para fora da cidade e evitar que ele seja recapturado é problema seu.

— Vou preparar os cavalos hoje mesmo. Combine com os nossos companheiros para a noite do dia 25. Lembre-se que é uma noite em que não deve haver violências, nem mesmo para tirar um amigo da cadeia.

David Jansen apenas sorriu. Ex-soldado de George Washington nas frentes de batalhas de todo o Leste, ele era um homem acostumado com a violência.

— Passarei mais tarde por aqui para saber o que você combinou com Sam e George Lannes.

Estes dois homens eram os mesmos que, juntos com Dick Blank, tinham tirado Donald McKay da mesma cadeia oito anos antes, quando ainda eram jovens. O ex-Juiz Orson Harvin tinha ódio deles por causa da humilhação que sofreu na ocasião.

* * *

Ao dizer ao Pastor Gaskill que ia dar uma volta pelos arredores de Wilkesboro, a intenção de Robert Dervel era de viajar para Salisbury. Ele se sentia de tal maneira culpado pela situação perigosa em que se encontrava Dick Blank, que não tinha condições de ficar longe aguardando os acontecimentos.

No entanto, temia comprometer a viagem da família de seu amigo, e até mesmo a libertação dele, se desse o azar de ser visto chegando à cidade. Não partiria naquele dia, resolveu. Era uma espera realmente difícil para o rapaz, e ele suportou enquanto pôde, ajudado pela presença amiga e pelos conselhos do Reverendo Gaskill.

Mas a sua impaciência acabou vencendo. Quando fazia quatro dias que Josiah Doncaster tinha ido para Salisbury e

que, portanto, já deveria estar de volta, Robert Dervel saiu de Wilkesboro dizendo ao seu amável hospedeiro que iria se encontrar com o sogro na trilha.

Viajando rapidamente, no dia de Natal, pela manhã, ele passava da metade da distância entre as duas cidades quando, numa reta da trilha, ele reconheceu o carroção que Doncaster tinha levado para Salisbury. O veículo vinha em sua direção, com os cavalos andando em marcha lenta.

Ao se aproximarem, ele estranhou a ausência de seu sogro no banco do cocheiro. Os dois homens que conduziam o carroção pararam os cavalos atendendo a um gesto dele.

— O que você quer, forasteiro? — perguntou um deles.

Antes que Dervel respondesse Annie Blank pôs o rosto na abertura da lona e o reconheceu imediatamente.

— Este é o Major Dervel, genro do Sr. Doncaster — informou ela.

— Bom dia, Sra. Blank — cumprimentou Dervel. — Meu sogro não veio com vocês?

— Não. Ele ficou em Salisbury para resolver o caso da libertação de meu marido. O senhor está indo para lá?

— Estou. Talvez eu possa ajudar em alguma coisa, lá.

— Certamente, major, mas o Sr. Doncaster disse que de Wilkesboro para o Kentucky era o senhor que ia me levar.

— Foi exatamente isso que ele planejou, senhora. Mas eu só viajarei para a colônia depois que o seu marido estiver em liberdade. E, nesse caso, ele mesmo a levará com as crianças.

— Que Deus o ouça, Sr. Dervel. Mas o Sr. Doncaster não está sabendo de sua ida para Salisbury...

— Não, não está. Espero mesmo que ele não precise de mim lá, mas se precisar quero estar por perto.

— Fico satisfeito com o interesse que o senhor demonstra por meu marido.

Robert Dervel não comentou o que ela falou e disse:

— Chegando em Wilkesboro a senhora deverá ficar com as crianças na casa do Reverendo Gaskill. Já está tudo combinado e ele está à sua espera.

— Muito obrigado, major.

— Boa viagem para os senhores — disse Dervel e se despediu com um aceno de mão.

O carroção rodou para o Oeste, enquanto Robert Dervel esporeou o seu cavalo e seguiu para o Leste.

* * *

Se o Xerife Donnegan soubesse que a família de Dick Blank seguia à sua frente, na mesma estrada, ele e seus homens a teriam alcançado facilmente. Mas o xerife ignorava isso e era um homem prático em viagens longas. Por isso não quis forçar as montarias no primeiro dia de jornada.

Na noite da véspera de Natal ele e seus homens acamparam ao ar livre, a menos de cinco quilômetros do local em que os amigos de Josiah Doncaster haviam pernoitado.

No dia seguinte, dia de Natal, era certo que, mesmo sem forçar os seus cavalos, eles alcançariam o carroção, e então poderia acontecer o que Doncaster temia.

Depois de ter embolsado os quinhentos dólares de Ruth Russel, o xerife estava resolvido a ir no máximo até Martin's Station, na entrada do território do Kentucky. Se até lá não encontrasse Harold Russel e seu companheiro, e nem tivesse notícias deles, voltaria para Salisbury. Quanto

ao dinheiro, nenhum de seus companheiros sabia que ele havia recebido para ser dividido entre eles.

A certa altura da trilha, quando pararam os cavalos em um riacho que a cortava, o xerife perguntou aos seus companheiros, enquanto os cavalos bebiam água:

— Algum de vocês já esteve no Kentucky?

Todos eles responderam negativamente.

— E nem vão estar desta vez — disse ele. — Só iremos até Martin's Station.

— E se até lá não tivermos encontrado os homens? — perguntou um deles.

— Só podemos concluir que eles foram mortos pelos índios. Não tenho nenhuma disposição de correr o mesmo risco.

— Talvez eles tenham sido apenas aprisionados — sugeriu um dos homens.

— Os índios das pradarias não fazem prisioneiros brancos, meu caro. Nunca ouvi falar sobre isso?

Os homens ficaram calados e a marcha prosseguiu.

Sendo o primeiro da fila em que ele e seus homens viajavam, foi o Xerife Donnegan também o primeiro a dar de cara com Robert Dervel em uma curva da trilha.

Os dois homens se reconheceram imediatamente. A primeira impressão de Dervel foi de que a patrulha dirigida pelo xerife estava à sua procura.

Mas ele não tinha a menor intenção de se deixar prender.

CAPÍTULO 5

O dia de Natal de 1782 teve aspecto e acontecimentos bem diferentes. Na Colônia Doncaster foi um dia de muita festa. Além das comemorações naturais do dia, programadas por Jolyon Reigate, houve um acontecimento inesperado que alegrou a todos os colonos: a chegada de Doranto e dos Donovan.

Apesar da ausência de Josiah Doncaster e de Robert Dervel, a chegada do índio foi muito festejada. Paul e Antony Reigate, os dois filhos solteiros de Jolyon, foram os que ficaram mais alegres entre os rapazes da colônia. Os Donovan traziam, não apenas duas, mas três mocinhas: Lucie, Adeline e Beatrice. Isso significaria que também eles teriam as suas namoradas. Com a chegada das moças Donovan, acabavam-se os dias de solidão dos rapazes Reigate.

Ficando a sós com Doranto, Jolyon Reigate quis saber como tinha sido a viagem deles, e receber informações sobre os primeiros resultados da missão de Doncaster e Robert Dervel.

Tivemos muita dificuldade para tirar os Donovan de Salisbury, pois o seu dono não queria vendê-los.

— Mas então...

— O Sr. Doncaster resolveu que eles teriam de vir de qualquer maneira. Foi o que aconteceu.

— Quer dizer que eles não foram comprados?

— Não. Seus dois filhos casados deveriam saber que era isso que iria acontecer. Ed e Charlie roubaram as suas esposas.

— Não me diga, rapaz! Os dois malandros até hoje não disseram nada disso nem mesmo à mãe deles.

— No lugar deles eu agiria do mesmo modo — disse Doranto. — É melhor o senhor continuar fingindo que não sabe de nada a esse respeito.

— É o que vou fazer, embora eu sinta grande vontade de dar os parabéns aos dois. Sinto-me muito orgulhoso do que eles fizeram, Doranto.

— Seus rapazes são valentes, Sr. Reigate, mas esses Donovan, quero dizer, o Sr. Henry me deixou decepcionado. Ele é um homem muito medroso.

Doranto contou sobre a perseguição e a reação negativa de Henry Donovan quando foram alcançados pelos seus perseguidores.

— Se não fosse pelo Sr. Doncaster e pelo senhor, eu teria abandonado essa família à sua própria sorte — disse ele.

— Posso garantir que o Sr. Donovan não tem nada de covarde ou de medroso, Doranto — falou, pausadamente, Jolyon Reigate. — A atitude dele, que deu essa impressão a você, foi motivada por fatores que eu compreendo, mas que, infelizmente, não sei como explicar a você. Ainda terá ocasião de verificar o terro de seu julgamento sobre Henry Donovan. Mas devo também dizer que compreendo a sua própria reação diante do episódio que me contou.

— Para mim tudo está bem, Sr. Reigate. Eu farei tudo para ser um bom amigo dos Donovan.

Jolyon Reigate sorriu satisfeito.

— Fale agora do Sr. Doncaster — pediu ao índio.

— Sei apenas que ele já tinha muitas pessoas interessadas em vir para o Kentucky. A última vez que vi o Sr. Doncaster foi em Wilkesboro. De lá ele seguiu para a Virginia e eu vim para cá com os Donovan.

Os dois ainda conversaram algum tempo e depois foram ao encontro dos outros na pequena praça da colônia. Mas, apesar da alegria geral, Jolyon Reigate ficou preocupado com a conversa que teve com Doranto, por causa dos dois homens brancos que tinham sido assassinados por ele.

Por outro lado, ele não ignorava que era um crime punido com rigor o roubo de escravos. Em 1782 as coisas já estavam diferentes no Kentucky. O governo americano começava a ditar suas leis e exigia que elas fossem respeitadas. Muitos homens encarregados da manutenção das leis começavam a cruzar as trilhas e os criminosos agarrados eram severamente punidos. Os índios já começavam a ser contidos em seus territórios e a civilização do Leste ia se fazendo presente.

Louisville já tinha trezentos habitantes. Construíam-se casas senhoriais e suas ruas estavam cheias de negociantes, advogados e especuladores de terras. Essa gente descia da Pensilvânia pelo Rio Ohio e muitos núcleos de futuras cidades iam sendo semeados ao longo do rio.

Aproximando-se de Henry Donovan, Jolyon Reigate chamou-o para a sua casa onde poderiam conversar mais livremente.

— Doranto me contou sobre a morte dos dois brancos. Quem eram eles?

— Um era o meu amo, Harold Russel — informou Henry Donovan — e o outro era um caçador de escravos chamado Ben Burke.

— Vocês enterraram os corpos? — perguntou Jolyon.

— Não. Apenas arrastamos para o mato e deixamos a uns dez metros da trilha.

— Isso aconteceu antes ou depois de Martin's Station?

— Nós passamos por fora desse lugar, mas eu sei que foi depois, mais ou menos meio dia de viagem. Os dois cachorros mortos ficaram na trilha.

— Doranto agiu bem, Henry. No lugar dele eu teria feito o mesmo. Mas vocês erraram em não ter enterrado os corpos, inclusive os dos cachorros.

— A gente só pensava em fugir e chegar aqui. Sobre esse lugar que você falou, Martin's Station, lá mora um irmão da mulher de meu ex-senhor. Isso pode complicar as coisas, não é?

— De qualquer maneira as coisas estariam complicadas, mas essa circunstância pode apressar a descoberta do fim que aqueles dois tiveram.

— O senhor pretende fazer alguma coisa?

— Não posso fazer nada Henry. Temos apenas que aguardar os acontecimentos. Mas de uma coisa você pode estar certo: quando isso for descoberto a situação do Sr. Doncaster ficará muito pior.

— O senhor sabe como tudo aconteceu...

Henry Donovan dizendo isso quis deixar claro que ele não teve nenhuma culpa.

— Não estou pensando em culpa de ninguém Henry nem mesmo de Doranto. Já disse que no lugar dele eu teria feito a mesma coisa. O que me preocupa é que o Sr. Doncaster ignora o fato e pode ser pego de surpresa.

— Se o senhor quiser eu posso ir a Salisbury e...

— Isso não faz nenhum sentido, Henry — Jolyon interrompeu. — Recomendei a Doranto para não dizer nada sobre isso aos nossos companheiros e você faça o mesmo.

— Nesse caso preciso prevenir a minha mulher e as meninas se é que algumas deias já não falaram.

— Creio que não.

Ficando sozinho, Jolyon Reigate decidiu que a partir do dia seguinte Melvin Kolb e Slim Blank deveriam ficar mais atentos à aproximação de pessoas estranhas à colônia.

* * *

Ao reconhecer Robert Dervel, o Xerife Donnegan não pensou duas vezes para lhe dar voz de prisão. Mas, agindo mais rapidamente, Dervel sacou sua pistola e apontou para ele, pronto para disparar.

— Se tentar pegar a sua arma, eu atiro, xerife. Mande os seus companheiros virarem de costas para nós.

— Você não tem saída, major — disse o xerife. — Mesmo que me mate, meus homens acabarão com você.

— Não cometi nenhum crime para ser preso. O soco que lhe dei foi pouco pela ofensa que fez. Agora, se não quer morrer, mande os seus homens virarem de costas para mim.

Em vez de fazer o que ele queria, o xerife tentou levar a mão para sacar a pistola. Robert Dervel apertou o gatilho de sua arma a menos de dois metros do representante da lei. Quando o xerife caiu, Dervel ia tinha apeado do cavalo e tirou a pistola da cintura dele. O rapaz estava desatinado. Mirou o homem que estava atrás do xerife e o matou com um tiro certeiro. Antes que os outros três se refizessem do susto e reagissem, ele tirou o rifle do arção de sua sela e pulou no mato ao lado da trilha, escondendo-se.

Sentindo que não podia deixar nenhum daqueles homens escapar, Dervel conseguiu fazer pontaria em um

deles e o matou, quando os três já estavam de armas engatilhadas.

Os outros dois, sem se darem conta de que ele estava desarmado, fugiram, esporeando os seus cavalos. Era justamente aquilo que Dervel queria evitar. A notícia daquele encontro e do que tinha acontecido não podia chegar a Salisbury, pelo menos enquanto Dick Blank não estivesse em liberdade e longe da cidade.

Saindo rapidamente do seu esconderijo, ele carregou as duas pistolas, a sua e a do xerife, apanhou o rifle do terceiro homem que havia matado, montou em seu cavalo e seguiu atrás dos dois fugitivos. Em menos de uma hora ele viu adiante, na trilha a poeira levantada pelos cavalos dos homens que corriam à sua frente. Forcou mais o galope de sua montaria e não tardou a ver os dois.

Sacou uma das pistolas e engatilhou. A distância entre eles diminuía rapidamente. Robert Dervel esticou o braço, fez pontaria e disparou nas costas do homem que corria atrás do companheiro.

* * *

Para Josiah Doncaster e seus amigos de Salisbury, o dia, mais propriamente a noite de 25 para 26 de dezembro ia ser cheia de complicações. À tarde, Doncaster voltou à casa comercial de David Jansen, onde encontrou Sam e George Lannes.

Os três confirmaram que a tentativa de libertação de Dick Blank seria mesmo naquela noite.

— Minha parte também está pronta — disse Doncaster. — A que horas devo estar com os cavalos nas imediações do xerifado? — perguntou.

— Você deve estar lá às dez horas e esperar. Dick Blank chegará a qualquer momento a partir dessa hora.

— Mas não havíamos combinado que o trabalho seria feito de madrugada? — estranhou Doncaster.

— Combinamos — respondeu George Lannes. — Mas nós mudamos de idéia. Essa tarefa vai ser tão fácil que poderemos executá-la mais cedo. A não ser o pessoal do Clube Imperial, às dez já não haverá mais ninguém nas ruas.

— Só tem um homem de guarda no xerifado — disse Jansen — e ninguém espera uma ação desse tipo seja tentada numa noite como a de hoje.

— Para mim, tanto faz — disse Doncaster. — Estarei no pé do choupo às dez horas com o cavalo para Dick Blank.

Tudo poderia ter se passado realmente de acordo com o previsto por David Jansen e seus companheiros, se não tivesse acontecido o conflito no Clube Imperial, justamente no começo da noite daquele dia. Esse clube era uma tradicional associação recreativa de Salisbury, onde se reunia a melhor sociedade inglesa da cidade, composta de altos comerciantes e suas famílias.

Mesmo depois da independência das colônias, o Clube Imperial continuou funcionando somente para os ingleses, não admitindo a entrada de americanos em seus salões, agora com mais rigor do que antes. Tal procedimento já havia causado pequenos choques no passado. Naquela noite, uma dezena de rapazes americanos decidiu que iria festejar a data no Clube Imperial. Informados disso, os ingleses se prepararam para impedir a entrada deles.

A discussão formada na porta do clube se degenerou rapidamente em luta armada e tiroteio, com feridos e mortos dos dois lados, obrigando a intervenção de soldados do exército americano aquartelados na cidade. Terminado o

conflito as duas celas do xerifado estavam cheias de presos e a guarda do local passou a ser feita por três soldados e um cabo.

A libertação de Dick Blank tornou-se impraticável naquela noite. Foi isso que concluiu Josiah Doncaster.

No entanto, contrariando a sua expectativa, David Jansen, Sam e George Lennes achavam que os acontecimentos do início da noite alteravam mas não impediam a execução do projeto deles. Iriam tirar Dick Blank da cadeia naquela noite.

— Pela madrugada aqueles soldados estarão dormindo — disse David Jansen.

— Então poderemos agir.

— Você está se esquecendo de que deve ter pelo menos dez homens em cada uma daquelas celas — falou Doncaster.

— Ninguém vai dormir naquele xerifado de hoje para amanhã.

— Estamos preparados para isso também — disse George Lannes. — Se ao chegarmos lá os soldados estiverem acordados, diremos que queremos verificar se tem algum parente nosso entre os presos.

— Eles mandarão vocês voltarem depois que o dia estiver claro — disse Doncaster.

— Depois que estivermos lá dentro — disse Sam — só sairemos com o nosso homem.

— A situação agora é bem diferente — contestou Doncaster. — Se vocês abrirem a cela onde está Dick Blank, todos os presos que estão lá vão querer sair.

— É justamente com isso que contamos. Com a confusão que se formará. Dick Blank ficará esquecido e até perdido no meio de tanta gente. Poderá fugir com facilidade, e nós nem seremos culpados dele ter escapado.

— Não estou confiando em tudo que vocês estão dizendo. Mas pode ser que sejamos bem-sucedidos. A que hora pretendem agir?

— Um pouco antes do dia clarear. Entre 4 e 5 horas da manhã estaremos no xerifado.

— Estarei no local combinado a partir das quatro horas. Agora vou para casa dormir um pouco.

Josiah Doncaster se despediu de seus amigos e voltou para a casa de Dick Blank. Foi até a cocheira e colocou mais capim para os dois cavalos. Depois foi dormir.

Quando bateram na porta da casa e o chamaram, ele não havia dormido ainda. Reconheceu a voz de seu genro e se levantou rapidamente.

— Entre, Dervel.

— Vou levar o cavalo para a cocheira e entrarei pela porta dos fundos. Este pobre animal está quase morto de cansaço e fome.

Josiah fechou a porta da frente e foi abrir a dos fundos. Minutos depois os dois estavam conversando.

— O que houve para você estar aqui em Salisbury? — foi a primeira pergunta de Doncaster.

— Não aguentei ficar inativo em Wilkesboro.

— Onde encontrou o carroção com Annie Blank e meus amigos? — perguntou Doncaster.

— Há uns cinquenta quilômetros daqui. Um pouco menos talvez. Estava todos bem.

— E o Xerife Donnegan e seus homens?

— Um pouco depois que encontrei o carroção. Ele quis me prender e então...

Robert Dervel contou o que havia acontecido. Josiah Doncaster mal podia acreditar no que ouvia.

— Matei os dois últimos deles a menos de quarenta quilômetros daqui. Eu não podia deixar que nenhum daqueles homens chegasse.

— De fato não podia, Dervel, mas estamos nos metendo em encrenca cada vez maiores. Fugimos completamente da finalidade de nossa viagem. Precisamos voltar para a colônia o mais depressa que pudermos antes que isso se torne impossível.

— Na verdade tudo começou com uma ação muito justa que o senhor praticou, mandando os Donovan para o Kentucky.

— Justa para nós e para pouca gente mais, meu rapaz. Na realidade foi uma ação ilegal.

— Que o senhor repetirá sempre que surgir a oportunidade, não é?

Josiah Doncaster preferiu não responder.

— E Dick Blank? — perguntou Dervel.

— Meus amigos pretendem libertá-lo esta noite, mas não estou muito confiante no êxito deles — disse Doncaster e contou ao genro o que havia acontecido no Clube Imperial.

— Eu quero me reunir a eles, Sr. Doncaster — falou Dervel. — Depois do que me aconteceu na manhã de hoje, eu acabei de chegar até aqui porque temos a maior urgência de deixar esta cidade. Eu, o senhor e Dick Blank. Quando souberem da morte do xerife e dos outros, nós já temos que casar viajando em terras do Kentucky.

— E você não tenha dúvida de que iremos receber lá na colônia a visita das autoridades americanas.

— É possível que sim. Mas lá estaremos em nossa casa e as coisas certamente acontecerão de maneira diferente. Onde posso encontrar os seus amigos?

— A esta hora eles devem estar jogando na loja de David Jansen, aguardando o momento de irem para o xerifado.

— Eu sei onde fica a loja do Sr. Jansen. Vou usar um dos cavalos que vi lá na cocheira, enquanto o meu descansa.

— Por que não dorme um pouco? Eu chamarei você antes da hora em que eles vão sair da loja.

— Obrigado, eu não conseguiria dormir.

— Sendo assim eu levarei o seu cavalo para o local em que vou esperar Dick Blank. Boa sorte para vocês.

Robert Dervel despediu-se do sogro, apanhou um dos cavalos descansados na cocheira e foi ao encontro de David Jansen e dos outros.

CAPÍTULO 6

Alguns dias antes do Natal, Steve Carnahan, irmão de Ruth Russel, que morava em Martin's Station, preocupado com a demora de seu cunhado, que esteve em sua casa e seguiu para o Kentucky em perseguição aos seus escravos fugidos, ouviu de dois índios cheroquis que dois cadáveres de brancos haviam sido encontrados ao lado da trilha.

— Não enterramos porque já restava muito pouco deles — disse um dos peles-vermelhas. — Os coiotes e os abutres brigavam pelos restos dos dois corpos.

— Quando vocês os encontraram? — perguntou Carnahan.

— Ontem pela manhã — informou um deles.

— Um pouco além do local onde eles estavam, encontramos os esqueletos de dois cachorros grandes. Eles estavam no meio da trilha.

A referência aos cachorros confirmou as suspeitas de Steve Carnahan. Os dois mortos eram seu cunhado Harold Russel e o companheiro dele, Ben Burke.

— Encontraram os cavalos deles?

Os cheroquis balançaram as cabeças negativamente.

Embora a negativa deles representasse a verdade, Carnahan não acreditou nela. Ele desconfiava de todos os peles-vermelhas e sabia que se eles tivessem encontrado os cavalos ficariam com eles e jamais diriam isso.

De repente uma desconfiança passou pela mente de Carnahan e ele perguntou:

— Como vocês encontraram os corpos?

— Estávamos caçando na pradaria.

— Mas vocês não costumam caçar nesta época do ano — disse Carnahan. — Um daqueles homens era meu cunhado.

— Não estamos interessados em nada disso — falou um dos cheroquis. — Contamos sobre o que vimos e é só. Não gostamos de sua pergunta...

— E nem de sua desconfiança — disse o outro.

Carnahan sorriu para eles e falou:

— Preciso enterrar o que resta daqueles mortos. Podem me levar até eles?

— Você encontrará facilmente — disse um deles. Abaixou-se e traçou uns riscos indicando como Carnahan poderia chegar ao local onde estavam os corpos.

— Estou desconfiado de vocês dois — disse Carnahan, claramente, aos seus informantes.

— Você é um homem mau — falou um deles, chamou o companheiro e os dois se retiraram.

Na manhã seguinte, levando ferramentas e um companheiro para ajudá-lo, Steve Carnahan atravessou o Rio Cumberland e entrou no Kentucky. Um pouco depois do meio-dia eles chegaram ao local indicado pelos cheroquis e encontraram somente os ossos descamados dos mortos. Pelas roupas rasgadas encontradas no local, Carnahan certificou-se de que se tratava mesmo de seu cunhado e de Ben Burke, o caçador de escravos. Ele e seu companheiro cavaram uma sepultura rasa e enterraram os ossos, colocando uma cruz tosca sobre a tumba.

— Agora eu terei que ir a Salisbury dar a notícia à minha irmã e avisar às autoridades desse crime dos negros.

— Não está mais desconfiado dos cheroquis?

— Estou sim, mas não tenho certeza. Acho que os negros serão pegos mais facilmente e há mais possibilidade de que tenham sido eles.

— É difícil que escravos, tenham essa coragem — comentou o companheiro dele.

— Harold me falou que tinha um índio ainda jovem na companhia deles. Esse índio deve ter ajudado os Donovan.

— É possível. Vamos embora?

Os dois caminharam para os seus cavalos. Antes que chegassem onde eles estavam, foram derrubados por dois tiros certeiros. Caíram, estrebuchando na agonia da morte.

Os cheroquis saíram do mato, esvaziaram os bolsos deles e roubaram suas roupas! Em seguida, montaram nos cavalos e deixaram o local levando até as ferramentas.

Ainda não seria desta vez que se faria a comprovação das mortes de Harold Russel e Ben Burke.

Steve Carnahan tinha algumas dívidas com os peles-vermelhas. Ele havia esquecido de que uns seis meses antes tinha dado uma surra num deles, no armazém de Martin's Station, por causa de uma dose de uísque que não foi paga. Além disso suspeitou dos dois cheroquis e disse isso claramente. Os índios não perdoaram suas atitudes.

* * *

A neve que começou a cair assim que escureceu em Salisbury, parecia que iria continuar até o dia clarear. Às três e meia da manhã, David Jansen abriu um pouco a porta de sua loja e olhou a rua lá fora.

— O tempo continua ruim — disse ele aos seus companheiros, fechando a porta e voltando para junto deles.

— Exatamente como desejávamos — observou George Lannes, levantando da cadeira e esticando os braços entorpecidos. — Vamos agora? — perguntou.

— Está na hora — disse Robert Derver, que já se havia juntado a eles. Ele era o mais afobado interessado em que entrassem logo em ação.

Os quatro homens enfiaram suas pistolas e facas nas cintas, vestiram os agasalhos e se dirigiram para a porta. Saíram para a rua. David Jansen trancou a porta por fora e eles seguiram para o xerifado.

Eles esperavam encontrar a porta do prédio apenas encostada, como era o costume, mas quando chegaram lá verificaram que ela estava trancada por dentro.

David Jansen e George Lannes tinham lenços nos rostos, mas Sam e Dervel não acharam necessário ter esse cuidado. Sam foi o escolhido para bater na porta, enquanto os outros três se encostavam rente à parede. Ele bateu com força e esperou.

— Quem está aí? — perguntou alguém lá de dentro.

— Um enviado do Juiz Graham — disse Sam.

— O que você quer?

— Tem uma senhora doente que quer ver o seu filho que está preso. Trago uma ordem do juiz para levar o rapaz para que a mãe o veja, pois já não há mais esperanças paia ela viver.

— Como é o nome dele? — perguntou o guarda.

— Vai ou não vai abrir esta porta? — gritou Sam. — Estou congelando aqui fora — reclamou.

— Você está sozinho?

— Claro, homem! Abra logo esta maldita porta!

O guarda começou a abrir lentamente, e pegou o lampião acima da cabeça para ver a cara de quem estava do lado de fora.

Sam não perdeu tempo. Forçou repentinamente a porta surpreendendo o guarda e deu um soco no lampião. Acostumado com a escuridão da rua ele pôde ver o soldado à sua frente e o atacou com socos fortes. Enquanto isso os outros entraram.

Como David Jansen previu, os outros três guardas estavam dormindo estirados no assoalho e foi fácil acertá-los com coronhadas.

Sam acabou de socar o homem que abriu a porta, fechou-a novamente e foi ao encontro de seus companheiros. Havia uma outra luz com o lume bem baixo em cima da mesa. Eles suspenderam o pavio e o recinto ficou claro. Nas celas já começavam as primeiras conversas dos presos que estavam acordados e haviam notado que se passava alguma coisa estranha na sala do xerifado.

As duas celas foram abertas e os presos foram saindo, entre eles Dick Blank.

Robert Dervel pegou-o pela mão e falou em voz baixa:

— Venha comigo, o Sr. Doncaster está esperando com os cavalos. Sua família já está em Wilkesboro.

Os dois saíram e só na rua viram que Sam estava com eles. O rapaz disse:

— Meu cavalo está aqui perto. Vou com vocês para o Kentucky. O que acham da idéia?

— Ótima — respondeu Dervel.

Quando chegaram no lugar onde Josiah Doncaster os esperava com os cavalos, Sam e Robert Dervel já estavam montados nos seus. Dick Blank e Josiah Doncaster montaram também e os quatro fizeram os animais galopar para fora da cidade. Robert Dervel estava muito satisfeito. Ninguém foi morto. A tarefa tinha sido realmente muito fácil.

* * *

A fuga dos presos só foi descoberta quando o dia clareou, pelos soldados que foram mandados para substituir os seus companheiros. Encontraram as celas vazias e seus colegas despertando de um pesadelo, com as cabeças doloridas pelas pancadas que haviam recebido. Três deles não sabiam de nada do que tinha acontecido e só um, o que tinha aberto a porta para Sam, tinha alguma coisa para contar.

Um pouco mais tarde, o Juiz Graham saiu de sua casa e se dirigia para o xerifado. Ele já sabia dos acontecimentos e, o que não era nada bom para os libertadores dos presos, o juiz sabia os nomes de três deles. Um dos presos libertados reconheceu David Jansen, Sam e George Lannes e foi à casa do juiz e os denunciou. Ele era parente do Xerife Donnegan e sabia que a ação deles foi para libertar Dick Blank.

Ao meio-dia, David Jansen e George Lannes tinham sido trancafiados em uma das celas. Apesar de interrogados eles se negaram a revelar o nome do quarto companheiro deles, Robert e nada disseram sobre Josiah Doncaster.

Mas, houve quem visse a fuga deles e o juiz pediu ao comandante do destacamento para organizar uma patrulha que fosse em perseguição aos fugitivos. Mas ele não teve pressa nenhuma em atendê-lo já que nenhum de seus homens foi morto ou sequer ferido. Como o crime de David Jansen e George Lannes era afiançável, no mesmo dia eles voltaram para as suas casas depois de pagas suas fianças.

* * *

Conhecendo algumas das ocorrências daqueles últimos dias, o ex-Juiz Orson Harvin e o Coronel Michener comentavam os acontecimentos e estudavam o melhor meio de tirarem partido deles. Naturalmente eles ainda não. sabiam, como ninguém em Salisbury sabia, dos assassinatos do xerife Donnegan e seus companheiros, na Estrada dos Pioneiros.

Por outro lado, embora se comentasse na cidade a demora do regresso de Harold Russel e de Ben Burke, ninguém ainda afirmava que eles tinham sido mortos. Estavam todos aguardando a volta do xerife para que o caso da fuga dos escravos tivesse uma definição.

— E como é que fica o nosso plano do rancho no Kentucky? — perguntou o coronel a Orson Harvin.

— Está de pé, meu caro. Nenhum de nós é homem de abandonar a presa só porque ela escapou de nossa vista. Vamos nos estabelecer no Kentucky — respondeu o ex-juiz.

— Você acha que Josiah Doncaster ainda voltará a Salisbury desta vez? — perguntou Michener.

— Nos próximos meses, não creio. Ele é o principal responsável por todos esses acontecimentos. Roubou os escravos de Harold Russel e os desastres se seguiram em cadeia. O genro dele é o culpado pelo assassinato de Nelson Buck e está claro que ele ou o próprio Doncaster é o quarto homem que participou da libertação de Dick Blank na madrugada passada. O Juiz Graham está sabendo disso, como está sabendo que Dick e a família foram para a Colônia Doncaster, onde já está o irmão dele. Sam Prescott, que não foi encontrado na cidade, também deve ter ido para lá. Tudo isso é muito bom para nós, Michener.

— Claro que é. Quanto mais Doncaster estiver envolvido em problemas com a lei, tanto mais facilidade

encontraremos para derrotá-lo. Esses americanos estão fazendo questão de que as leis sejam respeitadas por todos, sem distinção de nacionalidade.

— Mas eu tenho uma boa notícia para você. A requisição que eu fiz dos quatrocentos hectares de terras, de acordo com os dados que Doncaster forneceu, já foi aprovada pelo Distrito de Terras. Recebi uma carta de Richmond exigindo o pagamento de mil e duzentos dólares para que o título das nossas terras seja expedido.

— Mil e duzentos dólares? Você não acha que isto é muito dinheiro?

— Não. Acho até razoável essa importância por quatrocentos hectares de boas terras, principalmente para quem tem, como nós, uma finalidade especial para elas.

— Mas eu ouvi falar em distribuição gratuita de terras no Kentucky.

— Apenas concessão precária, sem título de posse. As terras tituladas, cedidas em caráter definitivo, custam três dólares o hectare.

— É bom que você saiba que toda a minha fortuna não chega a mil dólares — disse Michener.

— Não se preocupe com isso. Eu pagarei sozinho.

— Mas seremos sócios em tudo, inclusive nas terras?

— Claro, homem. Inclusive na perseguição a Josiah Doncaster e seus colonos até liquidá-los. Mesmo que Doncaster não apareça mais aqui em Salisbury, em março do ano que vem você irá tomar posse de nossas terres no Kentucky.

A luta contra Josiah Doncaster estava declarada.

CAPÍTULO 7

Josiah Doncaster e seus companheiros não esperavam que a sua viagem de Salisbury à colônia fosse tão tranquila como foi. Sofreram apenas as consequências naturais do rigoroso inverno de janeiro daquele ano. A jornada foi bastante lenta a partir de Wilkesboro, por causa do carroção que conduzia a família e os pertences de Dick Blank. Mas, mesmo com essas dificuldades eles chegaram ao vale do Licking antes do fim do mês.

Ao passarem Dor Martin's Station, souberam das mortes de Harold Russel, Ben Burke, de Steve Carnahan e seu companheiro. Só depois que chegaram à colônia eles souberam quem havia matado os dois primeiros. Quanto aos outros dois, as mortes deles permaneceriam um mistério para todos durante muito tempo.

No final de janeiro de 1783, com a chegada de Dick Blank, sua mulher e seus dois filhos, além de Sam Prescott, a população da colônia passou a ser de setenta e oito pessoas, contando com a família Donovan, composta de seis membros, chegada alguns dias antes.

Dois dias depois de sua chegada, Josiah Doncaster reuniu todos os chefes de família da colônia e expôs a eles os insucessos de sua viagem à Carolina do Norte e à Virginia. Olhando todos eles, com as idades variando entre vinte e dois e cinquenta e dois anos, Josiah Doncaster, apesar dos azares dos últimos dias, sentia-se satisfeito com

o que já havia conseguido. Naquele momento ele mentalizou tudo que já haviam feito naqueles últimos oito anos. As construções terminadas, os campos de cultura, as cercas e as pastagens, o aumento em número quase milagroso do rebanho bovino e, principalmente o crescimento populacional humano de crianças, filhos dos próprios colonos que ele viu ainda rapazinhos. Oito anos, um tempo que passou muito rápido, pensou Doncaster. Mas muitas coisas acontecem nesse tempo, de trabalho continuado e com propósitos honestos.

Ali estava Jolyon Reigate, seu braço-direito em tudo que haviam construído. Ao lado de sua esposa, Rachai, certamente eles eram o casal de negros mais felizes da América. Eram livres, tinham sua casa e seu meio de vida própria. A família cresceu em bens e em número. A lembrança da morte de seu primogênito Peter, já era uma dor adormecida e amplamente recompensada. Ao lado de Jolyon estavam seus dois filhos casados, Edward e Charles, que deram aos três netos.

John Kolb também estava ali e era positivamente um homem feliz ao lado de sua esposa Lydia. Junto dele, seu filho Melvin, casado com Lilian McKay, filha da viúva Anne McKay. O jovem casal tinha uma filhinha nascida em 1782 e que recebeu o nome de Lisa, para perpetuar na família a lembrança da primeira Lisa Kolb, morta em Stony Point, em 1775. John e Lydia Kolb tinham na netinha a recompensa da perda de sua própria filha. Era a vida continuando e eles estavam contentes com ela.

A presença de Slim Blank fazia com que Josiah Doncaster se recordasse de muitos episódios de heroísmo e coragem, vividos por ele e sua esposa Susie. O casal tinha quatro filhos: o primeiro, Andrew Pioneer Blank, nascido em 1775 durante a viagem para o Licking, enquanto os

colonos enfrentavam uma dura batalha com os ingleses. O segundo filho do casal, uma menina que recebeu o nome de Susan, nasceu em 1777. Em 1779 Susie deu à luz um outro filho, Ronald. O último, Richard, nasceu em 1781.

Doncaster tinha todos esses nomes e datas cuidadosamente registrados em sua grande Bíblia.

O outro chefe de família de que Josiah Doncaster se lembrou naquele momento, era agora uma sentida ausência. Emest Newbold, seu cunhado. Ele e a esposa Irene tinham sido mortos no início de 1776 pelos bandidos mandados de Salisbury pelo ex-Juiz Orson Harvin. No entanto, os Newbold ficaram representados na colônia pelos seus dois filhos, James e Leslie Newbold, que estavam sendo carinhosamente criados pela tia deles, Jane Lytton, agora casada com Gil McKay.

Depois, ele olhou para a face morena e leal de um homem ali presente, representante dos filhos da terra. Alce Veloz que ele fizera cristão com o nome de Jakobus Doncaster. Ele tinha certeza que o seu nome de família estava muito bem empregado naquele valente pele-vermelha. Casado com Rosalyn Reigate, o casal tinha os seus três filhinhos com o sobrenome Doncaster e era o preferido do chefe da colônia. Que mundo de serviços aquele índio já havia prestado a todos eles!

Em seguida Doncaster olhou para a figura altiva de Gilbert McKay, o filho mais velho da viúva Anne. Aquele rapaz, casado com Jane Lytton, substituiu plenamente o seu pai na direção da grande família. Além de criar os dois filhos de Emest e Irene Newbold, eles já tinham dois filhos seus: Warren. nascido em 1778 e Dick, nascido em 1781.

Robert Dervel, casado com sua filha Patrícia, havia passado por experiências dificílimas desde que se uniu aos colonos, levado pelo amor que dedicava à filha dele.

Sempre dera provas de valentia e honestidade. Ele e Alce Veloz eram ligados por uma forte amizade, provada em todos aqueles anos que estavam juntos. Doncaster admirava-se da coragem de seu genro. A última prova disso ele deu poucos dias antes ao enfrentar o Xeriíe Donnegan e seus quatro companheiros. Liquidou todos eles. Ao julgar o genro, Doncaster não estava aprovando o assassino, mas aplaudindo o homem que, dentro das circunstâncias existentes na região e na época, era capaz de resolver os problemas de qualquer natureza que surgiam.

Perto de Dervel estava seu filho Nathaniel, casado com Rose Kolb. O casal já tinha dado a ele três netos: Sid, um menino muito forte, nascido em 1778. Alph, nascido em 1780 e Arnold nascido em 1782. Nathaniel fazia recordar seu primogênito Jonathan, morto pelos cheroquis em 1772. A melhor qualidade de Nathaniel era a sua disposição para o trabalho e a sua ambição de progredir. O rapaz estava satisfeito por ter três filhos homens, futuros braços para ajudá-lo.

Ao lado de Nathaniel Doncaster estava Doranto, outro representante dos peles-vermelhas na colônia. Ele e sua esposa Niárgua formavam o casal mais jovem ali. Josiah Doncaster casou os dois em uma cerimônia cristã e pôs o nome de Walter no rapaz, ficando' Doranto como sobrenome da família. A moça continuou com o seu nome indígena, que todos achavam muito bonito. O valor de Walter Doranto para os colonos foi demonstrado em várias ocasiões. Seu último feito, conduzindo sozinho a família Donovan desde Wilkesboro até o vale de Licking, inclusive matando seus perseguidores, dava uma idéia bem nítida do valor desse rapaz ainda tão novo. Embora muito jovem o casal já tinha quatro »filhos. Josiah Doranto, nascido em 1776; Florence Doranto, nascido em 1778. Com seus dois

primeiros filhos, Doranto e Niárgua homenagearam, numa atitude muito gentil, o casal Doncaster. Mas a maior surpresa foi com o terceiro e quartos filhos. Uma menina nascida em 1780, recebeu o nome de Rachel e um menino, nascido em 1782, foi batizado com o nome de Jolyon. Assim, Doranto e Niárgua quiseram demonstrar o seu reconhecimento ao casal Reigate. Quem sabia o desprezo que os índios sempre tiveram pelos negros, podia avaliar o valor daquela homenagem.

O outro homem casado era Hugh McKay. Sua esposa era uma moça que viveu um triste drama em 1776, ao ver sua família massacrada e sendo forçada a viver com um índio que estava entre os assassinos de seus pais e de seus irmãos. Seu nome: Alma Blondel. Ela foi resgatada por Alce Veloz, em um episódio memorável. Agora o casal já tinha três filhos. Donald, nascido em 1778, cujo nome foi dado em lembrança de seu avô paterno. Abram McKay, nascido em 1780 e Anne McKay, nascida em 1782. Hugh McKay era o responsável pelo grande desenvolvimento que estava tendo o rebanho da colônia.

Antes de repassar em sua memória todos os presentes, Josiah Doncaster notou que já havia certa impaciência para que ele lhes dirigisse a palavra. Voltando a falar do fracasso de sua viagem ao Leste, ele disse que a principal razão foi a sua obstinação em trazer Henry Donovan e sua família. Percebeu imediatamente o mal-estar que suas palavras causaram em alguns dos presentes e principalmente no próprio Donovan.

— No entanto — disse ele — eu faria a mesma coisa de novo. A alegria de termos conosco mais seis seres humanos que eram escravos e que agora são pessoas livres, donas de seus próprios destinos e vontades, compensa todos os problemas que tivemos e alguns que ainda poderemos ter

por libertá-los da escravidão. Neste momento todos nós assumimos o compromisso de que jamais permitiremos que os Donovan voltem à sua antiga condição de escravos.

Todos aplaudiram as últimas palavras de Doncaster. O mal-estar foi passageiro. Em seguida ele deu as boas-vindas da colônia a Dick Blank, Henry Donovan e Sam Prescott, também presente.

— O nosso lema aqui é de um por todos e todos por um — disse ele. — Em fevereiro próximo vou viajar novamente. Irei a Detroit onde também há um escritório do Distrito de Terras, para fazer o requerimento dos terrenos que possuímos aqui no vale de Licking. Não podemos esperar mais tempo para cumprir essa obrigação legal. Isso era para ter sido feito no escritório de Richmond nessa viagem que fiz ao Leste, mas não tive tempo. Pretendo requerer dez mil hectares de terras.

— Em nome de quem, papai? — perguntou Nathaniel.

Doncaster sorriu. A pergunta de seu filho confirmava o que ele sabia a seu respeito. Nathaniel era um grande trabalhador, mas queria saber das coisas e de sua participação nelas.

— Vou requerer trezentos hectares para cada um de vocês aqui presentes, cujos títulos de propriedade já sairão em seus nomes.

— Somos dezessete aqui — observou Nathaniel. — Serão cinco mil e cem hectares para nós. O senhor disse que vai requer dez mil. E os quatro mil e novecentos que estão sobrando?

— Acho muito bom que você esteja aqui, Nat — disse Doncaster. — Acho que está me fazendo perguntas que todos os outros gostaria de fazer, mas se sentem acanhados. A parte que está sobrando e que será requerida no meu nome e no de Jolyon Reigate será distribuída para os outros

rapazes que forem se casando, sempre na mesma base de trezentos hectares para cada família que se constituir. Mais alguma pergunta?

— Quanto ao gado, Sr. Doncaster? — perguntou Hugh McKay, encarregado do rebanho.

— As duzentas e poucas reses que trouxemos para cá, pertenciam a nós os Doncaster, aos Reigate, aos McKay, aos Kolb e aos Newbold. Estes últimos já morreram, mas os seus herdeiros estão entre nós e seus direitos serão respeitados. Cada uma dessas famílias receberá o número de reses que tinha quando viemos para cá. O grande saldo que temos, resultante da procriação será dividido igualmente entre todos os presentes. Alguma objeção?

— Até para o Sr. Donovan e para Dick Blank? — perguntou Melvin Kolb.

— Para eles e para Sam Prescott também — respondeu Doncaster. — Você é contra isso?

— Para mim está bem — respondeu Melvin.

— Alguém quer mais algum esclarecimento? — Doncaster olhou demoradamente para cada um deles.

— "Quando tivermos os títulos de nossas terras poderemos construir nossas casas nelas?" — perguntou Gil McKay.

— Mas é claro, meu rapaz, cada um construirá e fará o que quiser dentro do que é seu. Na minha opinião só as áreas de pastagens deverão continuar comuns a todos por alguns anos ainda. O que vocês acham?

Todos concordaram com isso, mas Hugh McKay ainda fez uma pergunta:

— Pelo que eu. entendi, as novas famílias que forem se formando não receberão nenhuma rês. Meu irmão Gordon está com 22 anos e pretende se casar breve. Ele ajudou muito a cuidar do rebanho, que temos. Não vai receber

nenhum benefício pelo seu esforço durante todos esses anos?

Houve um silêncio geral. Depois de pensar um pouco Doncaster respondeu:

— Você tem razão, rapaz. Terei que reestudar este assunto e voltaremos a discutir sobre ele quando eu tiver chegado a uma conclusão. Obrigado pela sua cooperação, Hugh.

A reunião terminou.

CAPÍTULO 8

Dia 20 de fevereiro, Josiah Doncaster estava no escritório do Distrito de Terras, em Detroit. Como posseiros há mais de cinco anos das terras que iam requerer, ele e seus companheiros nada tinham que pagar por elas. No entanto, fiel à sua reconhecida honestidade, Doncaster levou cerca de três mil dólares para pagar as partes de Henry Donovan, Dick Blank e Sam Prescott, que só haviam chegado à colônia naquele ano, para poder requisitar os títulos em nome deles.

Depois de uma semana em Detroit, onde felizmente não arranjou nenhuma encrenca, Josiah Doncaster recebeu toda a documentação que requisitou e voltou para casa.

No entanto, ao mesmo tempo que se sentia feliz por ter cumprido a promessa que havia feito a seus companheiros, Doncaster começava a ficar preocupado com o futuro de sua colônia. Até então ele foi o único chefe ali e suas decisões eram leis. Ele, Josiah Doncaster, era o dono de tudo e de todos. Agora ele havia feito de seus companheiros proprietários legais. Isso certamente despertaria neles uma nova concepção de vida e de procedimento. Cada um deles, conforme ele mesmo lhes dissera, seria senhor em seu próprio domínio. Isso poderia quebrar a união que ele manteve entre todos ao longo daqueles difíceis primeiros anos.

Por outro lado, se os meses de inverno estavam sendo calmos para todos eles, Doncaster previa que a primavera traria muitos problemas. E ele não se enganava. Os seus inimigos tramavam contra ele.

A cidade de Salisbury, naquele inverno, foi sacudida com as notícias dos assassinatos de Harold Russel e Ben Burke, e principalmente os do Xerife Donnegan e seus quatro companheiros. Todos esses crimes foram postos na conta de Josiah Doncaster e ele deveria apontar os verdadeiros culpados à justiça ou assumir a responsabilidade.

No meado de março de 1783, Orson Harvin e seu sócio, o Coronel Michener, de posse do título de terras no vale do Licking, já tinham tudo pronto para partir e ocupar legalmente a sua propriedade.

Além de um pequeno número de trabalhadores, eles levavam dez pistoleiros com o fim determinado de infernizarem a vida de Josiah Doncaster e seus colonos. Junto com a caravana deles viajaria um Oficial da Justiça para intimar Doncaster a comparecer em Salisbury a fim de responder pelos crimes de que era acusado.

O próprio Orson Harvin resolveu seguir para o Kentucky com a sua caravana.

— Besta vez o nosso homem não escapará — dizia Orson Harvin a seu sócio, já na trilha, viajando para o Licking.

— Realmente ele está encrencado — concordou Michener. — Terá que atender à intimação do Juiz Graham e se ausentará da colônia por muito tempo.

— Enquanto isso teremos total liberdade de ação. Eu ouvi dizer que eles têm um rebanho de mais de mil cabeças. Você acha muito difícil nos apropriarmos desse gado?

— Não sei. Depois que chegarmos lá poderemos avaliar melhor a situação. As coisas podem não ser tão fáceis como você está pensando — disse o coronel inglês.

— Você não me entendeu — falou o ex-juiz. — Nós vamos comprar o rebanho dos colonos. Só que não pagaremos.

— Eles poderão não querer vender. Essa gente costuma ser muito apegada ao que tem.

A essa altura da conversa deles, a caravana, composta por quatro carroções, passava pela Estrada Selvagem e seu capataz, um homem chamado William Trattner, que conhecia a região, estava preocupado com os possíveis ataques dos índios dá pradaria.

O primeiro tiro partiu de um bosque de abetos ao lado da trilha e atingiu um dos pistoleiros que viajava junto do capataz. Então começou o que Orson Harvin chamaria mais tarde de um verdadeiro inferno.

* * *

Depois de muitos anos de paz entre as duas tribos, os iroqueses estavam em guerra com os cheroquis. A causa do conflito foi Lince Branco, o filho de Osso da Face, chefe dos iroqueses do Kentucky. Há muito tempo ele tinha marcado seu casamento com Estrela Solitária, uma das filhas de Margem Alta, chefe cheroqui do Tennessee. Finalmente os dois tinham se casado na primavera de 1782. Mais Lince Branco cansou-se muito depressa da jovem cheroqui e começou a maltratá-la.

No fim do outono, antes de se completarem seis meses que estavam casados, Estrela Solitária não suportava mais os maus-tratos do marido. Nessa ocasião um grupo de cheroquis estava a passeio na aldeia de Osso da Face.

Estrela Solitária contou a eles os maus-tratos que vinha recebendo de Lince Branco. Quando eles regressaram para o Tennessee, levaram-na com eles, aproveitando a ausência do marido.

O filho de Osso da Face reuniu alguns de seus amigos e foram atrás deles para tomar Estrela Solitária. Quando os alcançaram na trilha, os cheroquis se negaram a entregar a índia. Houve luta e os iroqueses, em maior número, mataram quase todos os cheroquis, inclusive Estrela solitária. Apenas dois dos cheroquis conseguiram fugir e levaram a notícia do ocorrido para a sua aldeia. Margem Alta ficou furioso e não deixaria tal acontecimento sem vingança.

No entanto, vivendo mais isolados no sul, relacionando-se com menor número de brancos, tendo sua aldeia situada fora da passagem obrigatória das caravanas de brancos, os cheroquis não tinham conseguido ainda ter tantas armas de fogo e nem munição como os seus tradicionais inimigos, os shawnees, e nem mesmo como os seus ex-amigos iroqueses.

Em fins de março de 1783, alguns cheroquis estavam em Martin's Station quando viram chegar uma caravana que vinha da Carolina do Norte e se destinava ao Kentucky. Os índios repararam que, ao contrário das outras caravanas, aquela, embora tivesse quatro carroções, só levava uma mulher e uma mocinha. Todos os seus outros componentes eram homens mal-encarados, que eles calcularam ser em número de vinte.

Observadores e bisbilhoteiros, os cheroquis descobriram em um dos carroções um bom estoque de rifles e alguns tambores de pólvora e sacos de chumbo de vários calibres. Aqueles homens deveriam ser grandes caçadores, foi o que pensaram os índios.

Um dos homens da caravana, querendo se fazer de engraçado com os peles-vermelhas, brincou com eles, perguntando se queriam comprar aquelas armas e a munição. Depois, fechando a cara à curiosidade deles, o homem disse:

— Estes rifles são para expulsar todos os índios do Kentucky e matar os que não quiserem sair.

Os cheroquis se afastaram imediatamente, embora não fossem moradores do Kentucky. Mas um deles, sobrinho de Margem Alta, teve uma idéia. Se eles se apoderassem daqueles rifles e munições arranjariam as armas que necessitavam para a luta que iam empreender contra os iroqueses naquela primavera. Aquela era uma chance que não poderiam perder.

Chamando seus companheiros, voltaram apressadamente para a sua aldeia. O rapaz contou ao seu tio o que tinham visto. Falou também do que ouviu do homem com cara de mau, sobre o emprego que eles, os brancos, iriam fazer daquelas armas e da munição.

— Além dos rifles no carroção — disse o rapaz — cada um daqueles homens leva as suas armas, pistolas curtas nas cintas e rifles nas selas. Nunca vi tantas armas como eles têm — acrescentou.

— Estão acampados em Martin's Station? — perguntou Margem Alta, manifestando o seu interesse pelo assunto.

— Não armaram acampamento como quem vai demorar. Deverão seguir viagem amanhã mesmo. Não têm mulheres e nem crianças com eles e não precisarão descansar.

— Têm muitos cavalos? — perguntou Margem Alta.

— Uns dez apenas. Os carroções são puxados por bois. Seis para cada um. Isso quer dizer que não poderão fugir

com rapidez de um ataque nosso. Não têm boas caras aqueles homens e poderemos matá-los a todos.

Margem Alta pensou um pouco e depois reuniu seus principais conselheiros.

Relatou o que ouviu do sobrinho, testemunhado pelos companheiros dele.

— É uma oportunidade que não podemos perder — disse Margem Alta, aa terminar.

Todos concordaram com ele e decidiram atacar a caravana no dia seguinte. Foram escolhidos cinquenta guerreiros e determinaram o local do ataque. Naquela mesma tarde eles se deslocaram para a Estrada Selvagem e na manhã seguinte todos estavam escondidos no bosque.

Ao primeiro tiro seguiu-se uma chuva de setas, saídas do bosque, muitas delas com pontaria certeira e mortal. Os homens da caravana ainda não tinham visto um único índio e cinco deles já tinham sido derrubados de suas montarias. Dos outros seis que estavam a cavalo, apenas dois não tinham sido feridos pelas setas. Os bois não mudavam o seu passo lento e não havia como fugir rapidamente do local, para obrigar os índios a saírem em campo aberto. O recurso foi parar e se esconderem atrás dos carroções.

Quando o capataz viu a quantidade de índios que saía do bosque e corria para cima deles, gritou para Orson Harvin:

— A resistência é impossível, senhor! Monte num cavalo e vamos fugir!

Orson Harvin não esperou segundo aviso. Chamou Michener e os dois montaram apressadamente em cavalos que o capataz trouxe. Os três fugiram de volta para Martin's Station. Mas alguns dos cheroquis dispararam contra eles e o Coronel Michener caiu de seu cavalo mortalmente ferido.

Os cheroquis chacinaram rapidamente todos os outros componentes da caravana, inclusive o Oficial de Justiça que levava a intimação para Josiah Doncaster. Nem a mulher e a mocinha foram poupadas.

Em menos de uma hora a terrível chacina estava terminada e os cheroquis, tendo perdido apenas seis de seus guerreiros, conduziram os carroções e seu precioso carregamento para a sua aldeia. Margem Alta tinha agora recursos suficientes para lutar contra os iroqueses.

Orson Harvin e o capataz William Trattner, milagrosamente salvos da chacina, conseguiram chegar a Martin's Station, onde contaram o que havia acontecido, mas não souberam nem dizer quais os índios que tinham atacado. Na estação estavam alguns cheroquis que ouviram o ex-juiz relatar, nervoso e apavorado, os lances iniciais do ataque dos peles-vermelhas. Os cheroquis apenas balançavam as suas cabeças como se não soubessem de nada.

Alguns dias depois Orson Harvin estava de volta a Salisbury. Seu plano de perseguir Josiah Doncaster tinha fracassado, pelo menos por enquanto. Teria ela disposição para fazer uma nova tentativa? Só o futuro poderia dizer. Mas até dessa sua derrota ele culpava Doncaster e seus colonos. Foi por causa deles que ele se lançou naquela aventura, pensava o ex-juiz segundo o seu raciocínio proveniente do ódio implacável que tinha pelos primeiros colonizadores de Kentucky.

* * *

Ignorando o grande perigo a que esteve sujeito e sem saber que os cheroquis do Tennessee haviam prestado um

favor de valor incalculável Josiah Doncaster iniciava com seus companheiros o plantio da primavera.

Ele sabia que o futuro reservava muitos problemas, mas continuava fiel ao seu princípio de que construir enquanto podia era a melhor maneira de viver naquela região.

FIM

Ganhe UM BOLSILIVRO GRATIS escrevendo para nós. dizendo o que você achou desta história. Teremos imenso prazer em receber qualquer sugestão que ajude a melhorar as nossas publicações. Se você tiver dificuldade de encontrar os números desta ou de outras coleções nas bancas, peça pelo Reembolso Postal a BOLSILIVROS — Cx. Postal 35 032 — CEP 21.060 — Rio de Janeiro, RJ.

Viva o Oeste em Bolsilivros

NOVAS ESTÓRIAS TODAS AS SEMANAS

À VENDA NAS BANCAS